

BALINESE

CHARACTER (RE)VISITADO

UMA INTRODUÇÃO À OBRA
VISUAL DE GREGORY BATESON
E MARGARET MEAD

ETIENNE SAMAIN



GREGORY BATESON E MARGARET MEAD ACABAVAM de se casar em Singapura (1935). Navegavam pelo Pacífico, rumo a Bali. A bordo, Bateson, com 31 anos de idade e quase dois metros de altura, corrigia as provas da cerimônia do *Naven*, seu grande e único trabalho antropológico sobre os Iatmul da Nova Guiné. Havia feito da conclusão desse livro uma condição prévia ao casamento. Margaret Mead, determinada e lúcida, sabia disso, o que não a impedia de concluir, escrevendo na sua autobiografia:¹ “Ele tinha diante dele toda uma vida de trabalho que pretendia cumprir, enquanto eu, de certo modo, tinha atrás de mim a obra de toda uma vida”. Então, com 34 anos de idade e pouco mais de um metro e cinquenta de altura, Mead, de fato, carregava uma sólida experiência de campo.

ANTES DE CONHECER GREGORY BATESON: AS EXPERIÊNCIAS DE CAMPO DE MARGARET MEAD

MARGARET MEAD (1901-1978), norte-americana, era a filha primogênita (ao lado de um irmão, Richard, e de duas irmãs, Elizabeth e Priscilla) de um pai economista e uma mãe socióloga.

¹ Mead, Margaret. *Blackberry winter: my early years*, New York, William Morrow and Company, 1972. Existe uma versão francesa: *Du givre sur les ronces. Autobiographie* [versão que utilizei para as citações], Paris, Seuil, 1977, p. 220, e uma castelhana: *Experiencias personales y científicas de una antropóloga*, Barcelona, Ediciones Paidós, 2ª ed. 1994.

Adolescente, Margaret Mead, alternadamente, desejava “tornar-se advogada, freira, escritora ou mulher de pastor com seis crianças”.² Com 17 anos de idade, noiva de Luther Cressman, um jovem teólogo presbiteriano, freqüentou a DePauw University (Greencastle, Indiana), “lugar de uma festa da inteligência [...] mas, também, de ostracismos religiosos e sociais institucionalmente organizados”.³ No outono de 1921, ingressava no Barnard College (colégio feminino filiado à Universidade de Colúmbia, Nova York). Seriam três anos durante os quais Mead descobriria uma vida de estudante e de mulher que corresponderia aos seus sonhos. Tudo lhe interessava: o estudo das letras, a poesia, a arte dramática e a pintura. No apartamento que partilhava com outras colegas, todas encarnavam “a desordem mental e moral” e se proclamavam “comunistas degeneradas”. “Conhecíamos Freud [...]; sabíamos o que era a homossexualidade [...]. Não ignorávamos, também, que a repressão dos instintos era uma coisa perigosa [...]. Pertencíamos a uma geração de jovens mulheres extraordinariamente livres [...], encontrávamos tantos atrativos nesta complementaridade quanto na freqüentação do outro sexo.”⁴

Entre uma carreira política ou econômica, o estudo da psicologia (em especial das vertentes psicológicas presentes em todas as culturas), da filosofia e da antropologia, Mead acabará escolhendo as trilhas e os meandros antropológicos. Quanto aos seus mestres, três devem necessariamente ser mencionados, pois, direta ou indiretamente, ajudar-nos-ão a entender certos componentes temáticos presentes na emergência e na constituição de *Balinese character*. São eles: Franz Boas (1858-1942), Ruth Fulton Benedict (1887-1948) e Edward Sapir (1884-1939).

SAMOA (1925-1926): AS ADOLESCENTES NÃO CASADAS

MARGARET MEAD ACABAVA de se unir (setembro de 1923) ao seu “marido estudante”, Luther Cressman, de confissão episcopal, quando empreendeu, sozinha, seu primeiro trabalho de campo (agosto de 1925 a maio de 1926), entre os samoanos. Havia conseguido até desarmar Franz Boas, seu venerado e temido mentor intelectual,⁵ que não via sem grandes inquietações sua aluna aventurar-se, na época, no conjunto das pequenas ilhas do oceano

Pacífico Sul, na Polinésia. Publicava, dois anos depois, o seu *Coming of age in Samoa: a psychological study of primitive youth for Western civilization* [*Atingir a maioridade em Samoa*],⁶ um trabalho sobre as adolescentes da ilha, que respondia a uma preocupação intelectual traçada pelo próprio Boas, para quem

se fazia urgente abordar a questão das relações entre o desenvolvimento dos indivíduos e os caracteres distintivos da cultura na qual cresciam [...]. Ele desejava que me dedicasse, nos meus primeiros trabalhos, à adolescência – mais precisamente à menina adolescente – para ver se, de um lado, as perturbações dessa idade da vida dependem das atitudes de uma cultura particular, ou se, por outro, são inerentes a esse período do desenvolvimento psicobiológico, marcado por suas “tempestades” e impulsões novas e contraditórias.⁷

*

Foi precisamente ao deixar Samoa, no decorrer da longa viagem marítima que a conduzia até Marselha, ao encontro de Luther Cressman, que Mead veio a conhecer Reo Fortune, um esbelto, tímido e incisivo homem, psicólogo neozelandês, a caminho de Cambridge, onde ia estudar antropologia.⁸ Em setembro de 1928, Fortune e Mead iriam encontrar-se com Radcliffe-Brown, supervisor intelectual de Fortune, que estava convencido de que seu discípulo jamais se casaria com Margaret. “Fortune”, escreve Mead,

alarmado, mudou de idéia... Quando o meu navio aportou em Auckland, na Nova Zelândia, Reo subiu a bordo e me anunciou que íamos casar no mesmo dia. Não conseguimos encontrar uma aliança bastante pequena, mas chegamos a estreitar o suficiente uma outra, no tempo necessário antes do fechamento da prefeitura. De lá, nós nos precipitamos para o navio, quando levantava âncora. Chegamos a Sidney e colocamos perante Radcliffe-Brown um fato consumado.⁹

Com o segundo marido, Mead realizará, logo depois, duas outras expedições, antes de conhecer, com o próprio Reo Fortune, Gregory Bateson.

6 Mead, Margaret. *Coming of age in Samoa: a psychological study of primitive youth for Western civilization*. New York, William Morrow, 1975 (edição original, 1928).

7 Mead, Margaret. *Du givre sur les ronces*, p. 137. Assinalo, de passagem, as penetrantes páginas que Mead dedica, nesse livro (Parte II [cap. 11], pp. 137-152), às inquietações pelas quais muitos pesquisadores passam por ocasião de sua primeira experiência de campo.

8 Publicará, em 1932, seu mais importante trabalho realizado no meio dos Dobu (150 quilômetros ao sul das ilhas Trobriand, onde Bronislaw Malinowski havia passado quatro anos [1914-1918]), intitulado *Sorcerers of Dobu. The social anthropology of the Dobu islanders of the Western Pacific*, London, Routledge and Kegan, 1932. Versão portuguesa: *Os feiticeiros de Dobu. A antropologia social dos ilhéus de Dobu do Pacífico Ocidental*, Lisboa, Livraria Bertrand (Col. “Tempo Aberto”), 1977. Um livro supervisionado por Radcliffe-Brown e prefaciado – contida e contundentemente – por Bronislaw Malinowski.

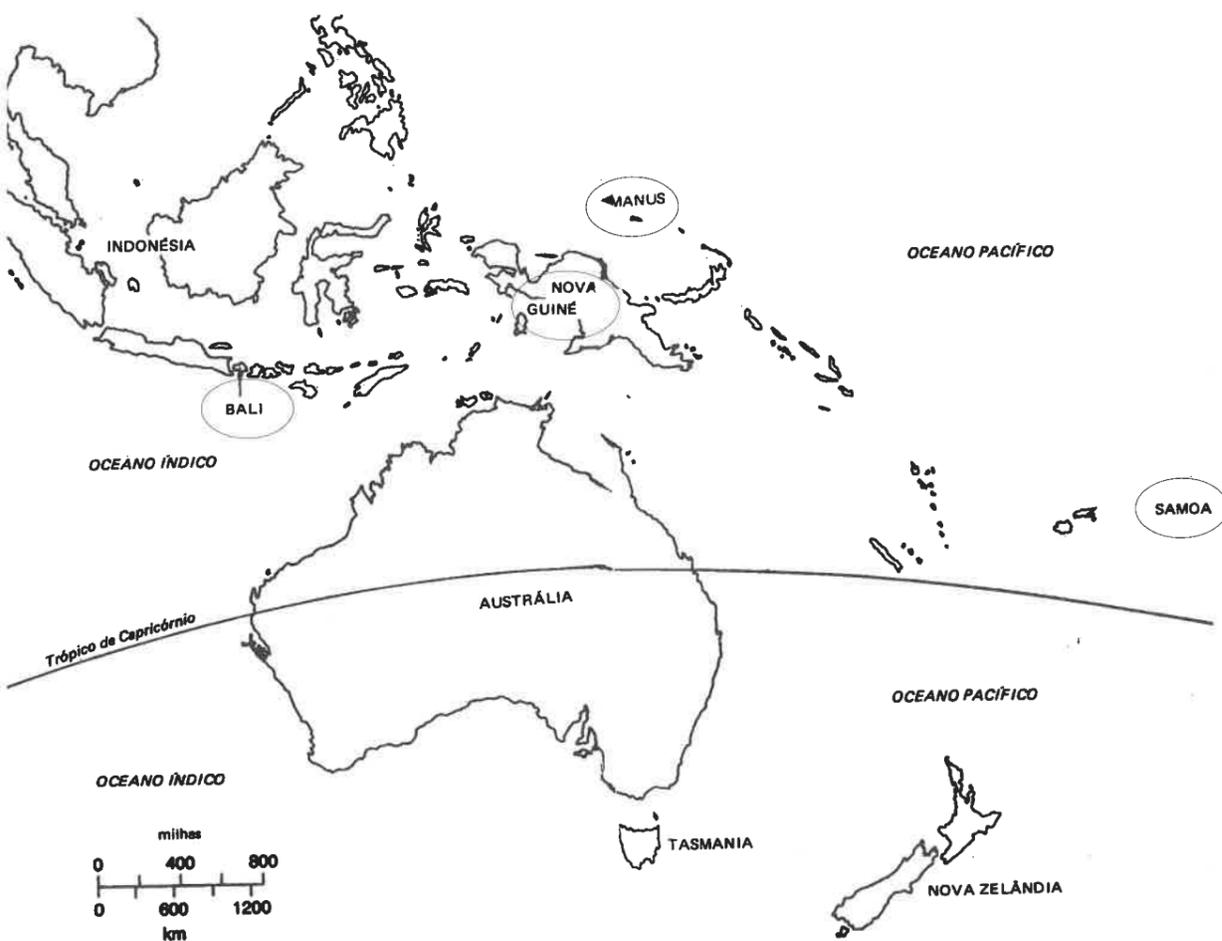
9 Mead, Margaret. *Du givre sur les ronces*, p. 181.

2 Mead, Margaret. *Du givre sur les ronces*, p. 84.

3 *Ibid.*, pp. 92-103 (*passim*).

4 *Ibid.*, pp. 106-111 (*passim*).

5 Era um “professor admirável e um tanto rebarbativo. Seu rosto assimétrico exaltava um perfil bonito e um feio. O lado feio apresentava uma comprida cicatriz, vestígio de uma ferida ocasionada em um duelo, no tempo em que estudava na Alemanha – estranha experiência para um estudante judeu –, e uma pálpebra caindo e lagrimando, consequência de um ataque mais recente. Visto do outro lado, contudo, ele era tão bonito quanto tinha sido na juventude. Suas palestras eram perfeitas, claras e de um estilo esculpido”, in Mead, Margaret. *Du givre sur les ronces*, p. 114.



Área das viagens de campo de Margaret Mead, 1925-1973: Samoa, Manus, Bali, Nova Guiné.

MANUS (1928-1929): AS PEQUENAS CRIANÇAS

A PRIMEIRA EXPEDIÇÃO será uma estada (de outubro de 1928 até agosto de 1929) junto a uma comunidade da ilha de Manus, situada ao norte da Nova Guiné (aldeia de Peri, “uma espécie de Veneza primitiva”).¹⁰ Dela nascerá um novo livro, *Growing up in New Guinea: a comparative study of primitive education* [*Crescer na Nova Guiné: um estudo comparativo da educação primitiva*].¹¹ Trata-se de um estudo fortemente inspirado – reconhece- rá Mead – pelas teorias pioneiras behavioristas do americano John Broadus Watson (1878-1958),¹² para quem o objeto da psicologia era – sublinho – o estudo dos *comportamentos observáveis* e das conexões repetitivas e regulares entre estímulos

10 Mead, Margaret. *Écrits sur le vif. Lettres 1925-1975*, Paris, Denoël/Gonthier, 1980, p. 50. Original inglês: *Letters from the field 1925-1975*, New York, Harper and Row Publishers, 1977.

11 Mead, Margaret. *Growing up in New Guinea: a comparative study of primitive education*, New York, Morrow Quill Paperbacks, 1975 (edição original, 1930).

12 Deste autor foi publicado em língua portuguesa um livro: *Educação psicológica da primeira infância*, Rio de Janeiro, Emtel, s/d.

e respostas; para quem, também, o comportamento de um indivíduo era, na essência, *socialmente condicionado*.

Growing up in New Guinea queria desvendar, ainda, uma outra inquietação de Margaret Mead: “Em Samoa, percebi que não poderia entender os adolescentes sem estudar os pré-adolescentes. Resolvi, então, por ocasião da minha próxima viagem de campo, estudar as criancinhas”.¹³ Surpreendente como sempre, Mead logo acrescenta:

O problema que queria examinar era o do pensamento animista nas crianças. Em especial, perguntava-me se Freud, Lévy-Bruhl, Piaget e outros tinham razão ao afirmar que os chamados povos primitivos, as crianças civilizadas e os neuróticos apresentavam tipos de pensamento semelhantes. A que se assemelhava o pensamento das crianças primitivas?¹⁴

INTERLÚDIO 1

DO EVOLUCIONISMO AO RELATIVISMO CULTURAL: O “PAI” FRANZ BOAS

ISSO SIGNIFICA QUE, paralelamente às suas investigações de cunho psicocomportamental, Mead participava, também, de um debate muito mais profundo, que, dessa vez, se situava no campo da epistemologia, isto é, no campo da ciência, de toda e qualquer aquisição de conhecimento e de saber humano. Com certeza, permanecia muito atenta aos questionamentos do próprio Franz Boas (1858-1942), seu mestre, que, no início do século passado, dava um primeiro basta à teoria evolucionista, delineada, até então, por famosos pensadores, influenciados pela teoria da evolução das espécies de Darwin (1809-1882). Entre eles, estavam o americano Lewis H. Morgan (1818-1881), autor de *A sociedade primitiva*,¹⁵ e os ingleses Herbert Spencer (1820-1903)¹⁶ e Edward B. Tylor (1832-1917), com a sua incomparável obra *Cultura primitiva*.¹⁷

Para os proponentes da teoria evolucionista, as sociedades e os homens que as compõem passariam, necessariamente, de maneira linear e gradativa, por sucessivas e progressivas etapas ou estágios de desenvolvimento: da “selvageria” (estágio primário e “infância” da humanidade) à “barbárie”, até chegar à “civilização”, estágio último e

13 Margaret Mead voltará a Manus em meados de 1953, para uma estada de seis meses. Estará acompanhada de Ted Schwartz (e de sua esposa Leonora, uma artista), experto em lingüística, em eletrônica teórica e prática bem como em fotografia, e que se interessava pelo estudo de uma cultura e de seus caracteres. Mead queria realizar um trabalho análogo àquele que havia feito com Bateson em Bali, focalizando a questão “das mudanças ocorridas dentro de uma geração, em contraste com a qualidade das mudanças da segunda e terceira gerações que nos eram mais familiares”. Resultará no livro que Mead publica em 1960: *New lives for old: cultural transformation – Manus 1928-53* [*Novas vidas por velhas: transformação cultural – Manus 1928-53*], New York, William Morrow, 1975.

14 Mead, Margaret. *Écrits sur le vif. Lettres 1925-1975*, Paris, Denoël/Gonthier, 1980, p. 45. Sobre a mesma problematização, ver o que Mead escreve no novo “Prefácio” de 1975 de *Growing up in New Guinea*, pp. iv e v.

15 Morgan, Lewis H. *A sociedade primitiva*, 2 vol., Lisboa, Editorial Presença/Livraria Martins Fontes, 2ª ed. 1978 [orig. inglês: *Ancient society, or researches in the line of human progress from savagery through barbarism to civilization*, 1877], a quem Claude Lévi-Strauss dedicará, em 1947, sua primeira grande obra estruturalista: *Les structures élémentaires de la parenté*, Paris, Mouton & Co., La Haye.

16 Spencer, Herbert. “The evolution of society”, in *The principles of sociology*, Chicago, University of Chicago Press, 1967 [orig. inglês: 1862].

17 Tylor, Edward B. *Primitive culture*, 2 vol., London, J. Murray, 1871.

idade “adulta” da humanidade, representado, na época, pela sociedade vitoriana inglesa, pré-industrial, que se tornava, desse modo, o ponto referencial das demais sociedades humanas existentes. Decerto, um enfoque claramente etnocêntrico, mas, sobretudo, investido da idéia de *desenvolvimento* e movido pelo vapor do *progresso*.

Ante tal determinismo cultural, globalizante e de direcionamento único, Franz Boas, com razão, reclamava,¹⁸ chamando a atenção para o particularismo histórico das culturas e sociedades e, conseqüentemente, apelando para o relativismo cultural. Nessa linha de pensamento, cada sociedade, cada cultura, se tornava “peculiar” e “singular”, de tal modo que não se podiam mais admitir – tratando-se das diversidades presentes entre sociedades humanas – comparações genéricas, de ordem qualitativa, que levassem a uma idéia unívoca de progresso. Franz Boas, provavelmente sem sabê-lo plenamente, levantava, ao mesmo tempo, outras questões, quando, em 1920, escrevia: “Antes de mais nada, o verdadeiro problema da história cultural é para mim um problema histórico. Para entender a história faz-se necessário entender não apenas o que são as coisas, mas como elas advêm”.¹⁹ Boas, a par de um dos primeiros trabalhos de Sigmund Freud (*Totem e tabu. Alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos*²⁰ [1913]) e, provavelmente, da publicação de *As funções mentais nas sociedades inferiores* (1910), de Lucien Lévy-Bruhl,²¹ só podia fustigar e animar a curiosidade inata de sua discípula.

INTERLÚDIO 2

CULTURA, MENTALIDADE E PERSONALIDADE: FREUD E LÉVY-BRUHL

SERÁ QUE A ANTROPOLOGIA deveria lançar-se na linha traçada por Sigmund Freud, que propunha uma reconstituição da *evolução* da humanidade a partir da psicanálise, sugerindo que existia na criança um período de “fixação”, no decorrer do qual certas experiências e determinadas situações tinham influência determinante sobre a personalidade adulta?

Devia-se, na perspectiva do filósofo francês Lucien Lévy-Bruhl, procurar a explicação das diferenças existentes entre culturas não mais a partir da sociedade encarada como um todo, mas a partir do *pensamento* criador e dos *processos mentais* que, em todas as

sociedades, determinam sua cultura – aceitando a premissa totalmente revolucionária, na época, de que a “*estrutura fundamental* do espírito humano é, em qualquer lugar, a *mesma*”?²² Conseqüentemente, as diferenças culturais são apenas *variações* resultantes do modo de *operar* a partir de uma *única* matriz lógica.

Lucien Lévy-Bruhl falava da “*mentalidade primitiva*”²³ para delinear um universo mental distinto da “*mentalidade positivista*” ou “*mentalidade científica*”. Ainda que a expressão “*mentalidade primitiva*” ou “*pré-lógica*” tenha sido, na época, infeliz, entender-se-á, no entanto, por que, exatos sessenta anos depois, Claude Lévi-Strauss, antes de empreender a redação dos quatro fortes volumes que compõem suas *Mitológicas*, se deu o tempo de uma “*pausa*” para procurar elucidar²⁴ o que vem a caracterizar e diferenciar *O pensamento selvagem* (1962) do chamado pensamento lógico-científico, dando, no caso, esta fina e importante resposta:

Existem *dois modos distintos* do pensamento *científico*, não, evidentemente, dois estágios desiguais do desenvolvimento humano, mas *dois níveis estratégicos*, em que a natureza se deixa atacar pelo conhecimento científico: o primeiro, aproximadamente ajustado ao da *percepção e da imaginação*, e o outro, deslocado; como se as relações necessárias, objetivo de toda ciência – seja ela neolítica ou moderna –, pudessem ser atingidas por dois *caminhos diferentes*: um muito próximo da intuição sensível, o outro mais afastado.²⁵

É certo que Mead, mais uma vez, estava a par²⁶ desses direcionamentos e passos da antropologia européia dos anos 20 e os seguia com certa atenção. Até onde, no entanto, essas correntes tiveram influência na elaboração de *Balinese character?* Não deveríamos, de antemão, nem exagerar nem minimizar seus efeitos. Resta-nos este imperativo: descobrir e conferir, além daquilo que Mead descobria, o que Bateson, em silêncio, meditava.

A DESASTROSA E FECUNDA TERCEIRA EXPEDIÇÃO (1931-1933): A PROCURA DO PAPEL DA SEXUALIDADE NA CULTURA

DE SETEMBRO DE 1931 até abril de 1933, Margaret Mead esteve novamente²⁷ na Nova Guiné, acompanhada, dessa vez, por Reo Fortune. Desejosa de aprofundar o que havia iniciado em Samoa

18 Boas, Franz. “The limitations of the comparative method of anthropology” (1896) e “The method of ethnology” (1920), ambos republicados in *High points in anthropology* (Ed. P. Bohannan e M. Glazer), New York, Alfred A. Knopf, 1973, pp. 84-99.

19 Boas, Franz. “The method of ethnology”, in *High points of anthropology*, p. 95: “First of all, the whole problem of cultural history appears to us as an historical problem. In order to understand history it is necessary to know not only how things are, but how they have come to be”.

20 Cito a edição brasileira publicada, com esse título, pela Imago Editora, Rio de Janeiro, 1974. A edição francesa desses quatro ensaios de Freud apresenta um subtítulo menos forte: *Totem et tabou. Interprétation par la psychanalyse de la vie sociale des peuples primitifs*, Paris, Payot (Petite Bibliothèque Payot, 77), 1977.

21 Lévy-Bruhl publicará, em 1925, o mais célebre de seus trabalhos: *La mentalité primitive*, Paris, Presses Universitaires de France. Livro injustamente criticado – na França, em particular – durante décadas, mas que dois autores brasileiros souberam recentemente resgatar com maestria: Oliveira, Roberto Cardoso de. *Razão e afetividade. O pensamento de Lucien Lévy-Bruhl*, Campinas, Unicamp (Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, vol. VIII), 1991, e Goldman, Márcio. *Razão e diferença. Afetividade e relativismo no pensamento de Lévy-Bruhl*, Rio de Janeiro, Grypho/Editora da UFRJ, 1994.

22 Lévy-Bruhl, Lucien. *La mythologie primitive*, Paris, Presses Universitaires de France, 1963, p. xi (orig. francês: 1935). Os grifos são nossos.

23 Lévy-Bruhl, Lucien. *La mentalité primitive*, Paris, Retz, 1976 (orig. francês: 1922).

24 Não se entende, todavia, por que Lévi-Strauss permaneceu tão discreto com relação a Lévy-Bruhl, reservando-lhe apenas uma curta alusão no último capítulo de *O pensamento selvagem*, quando a temática em pauta tinha uma clara paternidade: Lévy-Bruhl.

25 Lévi-Strauss, Claude. *La pensée sauvage*, Paris, Plon, 1962, p. 24. Os grifos são nossos.

26 Valeria a pena realizar um estudo matizado do reflexo das idéias de Freud e de Lévy-Bruhl sobre as idéias da obra de Margaret Mead. Para tanto, ver: Gordan, Joan (Ed.). *Margaret Mead: the complete bibliography 1925-1975*. The Hague-Paris, Mouton, 1976.

27 No intervalo, e desde 1927, Margaret Mead será convidada a integrar a equipe do Museu Americano de História Natural, onde manterá, no último andar do edifício, um escritório até o final da vida.

e em Manus, iriam, juntamente, estudar três outras comunidades da Nova Guiné: os Arapesh, os Mundugumor e os Tchambuli. O que, mais especificamente, procurava Mead dessa vez?



Em 1931 [...] empreendi um estudo de campo que iria mudar profundamente minha concepção do papel da sexualidade na cultura, bem como a das relações entre esta e as diferenças inatas do temperamento. [...] minha preocupação era estudar a maneira como as *diversas culturas marcam o comportamento* dos homens e das mulheres [...]. Coloquei a questão da seguinte maneira: como a cultura forma os papéis distintos dos homens e das mulheres? [...] como as diferenças de comportamento, atribuídas à cultura, marcam estruturalmente homens e mulheres? Estava determinada a abordar, sob um prisma novo, a questão fundamental das diferenças biológicas relativas ao sexo, pois, até quando não se tinham colocado à luz *os efeitos da estruturação cultural sobre a personalidade* das mulheres e dos homens, parecia-me inútil e vão examinar os efeitos resultantes das diferenças de sexo definidas pela biologia.²⁸

Dessa expedição resultará uma terceira importante obra de Mead: *Sex and temperament in three primitive societies*,²⁹ novamente encarada na perspectiva da escola de “cultura e personalidade”, isto

é, dando, de um lado, particular relevo às correlações existentes entre modelos culturais próprios de uma determinada sociedade e métodos educacionais de aprendizagem das condutas e comportamentos sociais; e, de outro, dando ênfase às correlações entre a estruturação da personalidade e a definição dos papéis sexuais dos indivíduos, em função e a partir desses modelos e métodos.

*

Essa nova aventura começou muito mal. Mead e Fortune foram abandonados pelos próprios guias numa pequena aldeia empoleirada no cume de uma montanha, Alitia, onde viviam os Arapesh. Passaram nove meses no meio deles, sem poder levar adiante as hipóteses de pesquisa que tinham como meta.

Nem um nem outro estávamos satisfeitos com os resultados de nossas pesquisas. [...] a experiência tinha apresentado pouco interesse. Não tínhamos presenciado nem iniciações, nem grandes cerimônias, nem mesmo representações artísticas ou teatrais.³⁰

Dos Arapesh da montanha, Mead e Fortune chegaram, após seis outras semanas de repouso numa plantação cedida por amigos, a uma aldeia situada próximo ao rio Yuat (afluente do rio Sepik), a aldeia de Kenakatem, onde viviam os Mundugumor, um “grupo de canibais ferozes que ocupavam as melhores terras sobre as alturas, beirando o rio”. As relações do casal iam-se deteriorando e os três meses passados ali só conseguiram aprofundar o desencanto que Mead, depressiva, vivenciava.

A escolha que tínhamos feito se revelou muito decepcionante [...]. Sentia que não avançava na exploração das formas da sexualidade. Os Mundugumor eram os antípodas dos Arapesh. Na tribo Mundugumor, o tipo por excelência era aquele de homens e mulheres ferozes, ávidos de poder, os pacíficos e os ternos sendo rejeitados e desprezados [...]. Encontrava ali uma forma de personalidade cultural muito característica, mas, como no caso dos Arapesh, todos tinham que se conformar a um tipo único: a idéia de que os homens e as mulheres podiam diferenciarse pelo comportamento lhes era completamente alheia [...]. No que dizia respeito ao meu problema principal, não conseguia avançar [...]. Passei, dessa maneira, três meses muito desagradáveis.³¹

²⁸ Mead, Margaret. *Du givre sur les ronces*, pp. 191-193 e 197. Os grifos são nossos.

²⁹ Mead, Margaret. *Sex and temperament in three primitive societies*, New York, William Morrow, 1963 (edição orig., 1935). Trad. port.: *Sexo e temperamento*, São Paulo, Editora Perspectiva, 3ª ed. 1988.

³⁰ Mead, Margaret. *Du givre sur les ronces*, p. 198.

³¹ *Ibid.*, pp. 201-202.

O Natal de 1932 aproximava-se. Os Fortune levantavam, outra vez, acampamento. Sem rumo nem destino, numa época em que já se praticava, no meio dos antropólogos, a política da “propriedade privada” e do “território reservado e intocável da pesquisa”, eles passaram o Natal em Ambunti, um posto administrativo importante, situado no médio rio Sepik, a cerca de 350 quilômetros de sua foz. Pouco depois, chegavam a Kankanaman, aldeia Iatmul, onde trabalhava outro antropólogo: Gregory Bateson. Logo iremos descobrindo que, lentamente, as nuvens tinham de dissipar-se, no meio de uma singular convergência de sentimentos e preocupações intelectuais. Antes de chegar lá, uma breve síntese faz-se necessária.

INTERLÚDIO 3

TODA INFÂNCIA INTELECTUAL TEM SUA HISTÓRIA

EVOQUEI A VIGOROSA crítica que Boas fez aos modelos unilineares, genéricos e etnocêntricos das teorias evolucionista e difusionista (a última cultivada, em especial, por pesquisadores alemães da época). Em vez de elaborar essas sínteses teóricas para dar conta da variedade de comunidades humanas e de sua história, Boas insistia na urgência de sair do gabinete, dando prioridade ao *trabalho de campo*, e lembrava que, se quiséssemos conseguir, um dia, entender melhor os traços comuns que perpassam culturas diferentes, importava, num primeiro momento, penetrar com profundidade na realidade e na singularidade de *cada uma* delas. Essa nova heurística da investigação antropológica definida interessava a Boas – a par, notadamente, dos primeiros trabalhos de Freud, Lévy-Bruhl e Piaget – ao abordar outros questionamentos, tais como o das relações entre desenvolvimento dos indivíduos e caracteres distintivos da cultura na qual nasciam ou, ainda, o da relação entre diferenças inatas de sexo e de temperamento, de um lado, e tipos de personalidade, de mentalidade e de modelos comportamentais (ora masculinos, ora femininos) gerados pela própria comunidade cultural, de outro lado.

Em decorrência desses objetivos, entender-se-á por que essa antropologia psicoculturalista privilegiará sempre um trabalho de observação do “crescimento”, ora de adolescentes (*Coming of age in Samoa*), ora de pequenas crianças (*Growing up in New Guinea*), numa

perspectiva que se tornará, cada vez mais, *comparativa e intercultural* (*Sex and temperament in three primitive societies*).

Balinese character não pode ser entendido fora desse primeiro plano de fundo, mesmo que – como veremos – o livro amplie esse horizonte e o conduza a novos desdobramentos, tanto teóricos quanto metodológicos.

Mead tinha, dessa maneira, razão. Ela carregava toda uma experiência acadêmica e intelectual, que Bateson apenas iniciava. Sensível tanto quanto intuitiva, impetuosa e com um insaciável apetite de descoberta, Margaret Mead podia entrever o que viria a ser a longa temporada de pesquisa que, com Bateson, iriam realizar em Bali:

Bali iria nos oferecer exatamente o que um e outro precisávamos: para mim, uma associação com um parceiro perfeito, tanto no plano sentimental como no plano intelectual, associação que não conhecia nenhuma tensão resultante de opiniões fantasiosas ou divergentes sobre o mundo; para Gregory, materiais que tinham uma significação importante e esclareciam o movimento de seu pensamento.³²

BATESON, MEAD E FORTUNE À BEIRA DO RIO SEPIK

Subimos até a sua casa [de Gregory Bateson], um abrigo arruinado e inimaginável: uma árvore crescia, passando pelo teto, para que o gato (e também os mosquitos, suponho) pudessem entrar e sair livremente [...]. Depois de nos saudar, quando entrávamos, Gregory olhou para mim e disse: “Você está cansada”, e me trouxe uma cadeira. Desabei nela, com a sensação de que eram as primeiras palavras carinhosas que ouvia desde os meses passados junto aos Mundugumor. Esse encontro me fez mergulhar, de maneira extraordinária, no estado de espírito que tinha sido o meu ao deixar Samoa. Mas a situação era mais complicada. Dessa vez éramos três, e Gregory estava ainda mais faminto de comunicação do que Reo e eu. Tinha trabalhado sozinho, estava deprimido e desanimado, suas pesquisas não progrediam como queria. Reo e ele passaram a noite falando, enquanto eu procurava alimentar uma conversa com o jovem oficial de polícia que nos acompanhava.³³

GENTLEMAN, GREGORY BATESON, o “paciente inglês” formado em Cambridge, guiará pessoalmente Fortune e Mead pelas aldeias Tchambuli, que se encontravam à beira do belo lago de Chambri.

³² Mead, Margaret. *Du givre sur les ronces*, p. 220.

³³ *Ibid.*, p. 204.

SEXO, TEMPERAMENTO E PERSONALIDADE DE BASE

As aldeias tinham um ar de prosperidade e nos pareciam cheias de promessas para as pesquisas que queríamos fazer [...]. Tchambuli borbulhava de atividades [...]. Realizávamos nosso desejo: o de morar num lugar onde coisas aconteciam [...]. No meio dos Tchambuli, as relações entre homens e mulheres eram o inverso daquelas da nossa cultura. As mulheres Tchambuli eram vivas e robustas, tratavam das questões vitais de maneira coletiva e harmoniosa [...]. Em Tchambuli, eram as moças que brilhavam, livres, enquanto os meninos já eram atraídos pelo estilo de vida dos homens: competitivo, dissimulado, cheio de rivalidades e de ciúmes.³⁴

DETALHE EN PASSANT: no intervalo, Bateson tinha-se deslocado até Aibom, junto a uma população especializada em fabricação de potes de cerâmica, que vivia, também, às margens do lago Chambri.

Nossas conversas prosseguiam de uma semana para outra [...]. Elas nos conduziram a uma nova formulação das relações entre a sexualidade e o temperamento. Colocávamos a seguinte pergunta: será que existem outras diferenças inatas, tão importantes quanto aquelas do sexo, mas que vão ao encontro tanto como se opõem às mesmas? Será que é possível que seres humanos, nascidos com diferenças inatas, possam adaptar-se a tipos temperamentais sistematicamente definidos e, mais que isto, que possam, até, existir versões masculinas e femininas desses tipos de temperamento? [...] Será que, em função da maneira com que uma sociedade representa seus heróis, seus bandidos, seus feiticeiros e o sobrenatural, essa sociedade pode chegar a cristalizar todos esses elementos num único tipo de temperamento, como é o caso dos Arapesh e dos Mundugumor, ou, ainda, fazer emergir uma complementaridade entre os sexos, como é o caso dos Iatmul e dos Tchambuli? [...] Examinando essas diversas culturas, tentávamos descrever, de maneira sistemática, os tipos de temperamentos que produzem a organização de culturas singulares [...]. À medida que progredíamos, aplicávamo-nos em inserir os exemplos num esquema, introduzindo nele as culturas que melhor conhecíamos e levando em conta o tipo de temperamento que cada cultura procurava ressaltar.³⁵

Com outras palavras, Margaret Mead levantava o seguinte questionamento: o que a interação entre uma herança genética dada (o sexo e o temperamento) e um condicionamento cultural determinado (isto é, essa moldagem exercida e operada, em graus variáveis, sobre os sexos e os temperamentos dos membros de uma sociedade,

moldagem resultante de contingências culturais, mas também de “estilos” e de “ideais” culturais, ou, simplesmente, decorrente de uma “visão do mundo”)³⁶ pode produzir em termos de emergência e de constituição, ora de tipos diferenciados de temperamentos, ora de “personalidades de base”, em determinada cultura?

Nas ardentes discussões que se desenvolviam em Chambri, num quarto de três metros quadrados, cercado por mosquiteiros, Bateson, Mead e Fortune tinham consciência de que existia um número limitado de temperamentos-tipos, cada um deles se caracterizando por “um conjunto identificável de traços inatos”. Não minimizavam, também, o fato de que “esses diversos temperamentos-tipos eram sistematicamente relacionados uns aos outros”. Importava a eles, sim, dar relevo a uma outra dimensão cultural: o fato de que o sistema de organização de cada sociedade humana produz e institucionaliza tipos de temperamentos ora singulares – tanto para os homens como para as mulheres – e, conseqüentemente, complementares (como no caso dos Iatmul e dos Tchambuli), ora comuns a ambos os sexos (como no caso dos Mundugumor e dos Arapesh). Ao mesmo tempo, essas discussões serviam para colocar ordem na situação triangular que viviam os três antropólogos:

Tornava-se evidente que Gregory e eu estávamos próximos um ao outro pelo temperamento; que, na realidade, representávamos uma versão masculina [Mead] e uma versão feminina [Bateson] de um temperamento [os Arapesh, meridionais, “circunspectos e receptivos” ou “ternos e prudentes”] que contrastava fortemente com o temperamento de Reo [situado no meio dos Mundugumor, setentrionais, “prevenidos e possessivos” ou “duros e impulsivos”].³⁷

Foi assim que, baseando-se nas suas experiências de campo, Mead, Bateson e Fortune desenvolveram um esquema conceitual fundamentado sobre os quatro pontos cardeais: a teoria dos “quadrados”:

³⁶ Ver Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978 (edição orig. 1973), em especial o capítulo 5.

³⁷ Mead, Margaret. *Du givre sur les ronces*, p. 212. Dados que completo por outros [entre colchetes], que devemos a Gregory Bateson. Para tanto, ver Mary Catherine Bateson (a filha de Mead e de Bateson), no livro que lhes dedicou: *With a daughter's eye. A memoir of Margaret Mead and Gregory Bateson*, New York, William Morrow and Company, 1984, traduzido para a língua francesa sob o título *Regard sur mes parents. Une évocation de Margaret Mead et de Gregory Bateson*, Paris, Seuil, 1989, pp. 161-178 e a nota 5 do capítulo 9, “Sexo e temperamento”, da mesma obra.

³⁴ Mead, Margaret. *Du givre sur les ronces*, pp. 208-210 (*passim*).

³⁵ *Ibid.*, pp. 211-213 (*passim*).

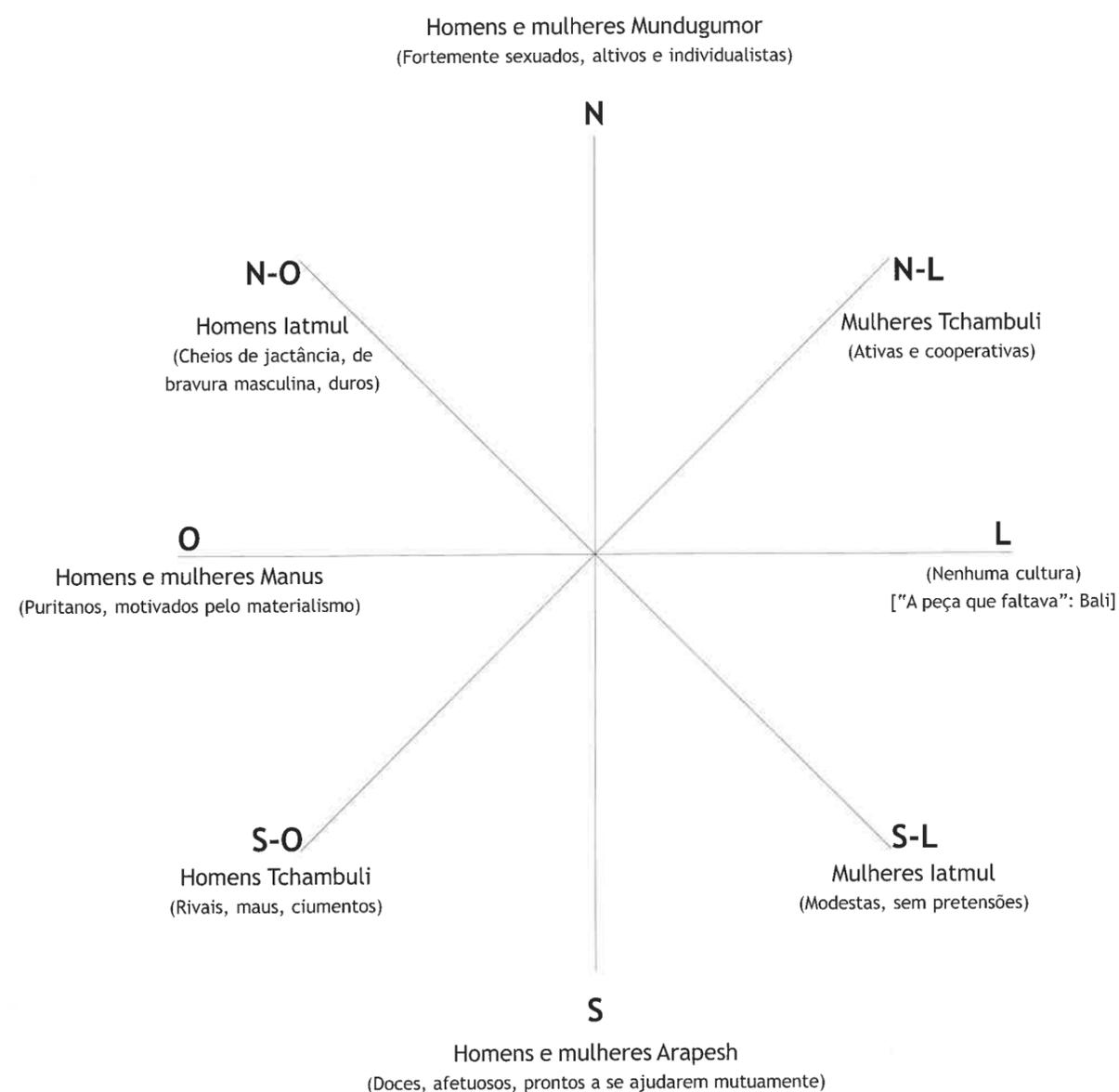


Figura 1: Modelo de temperamentos-tipos e dos sexos.³⁸

³⁸ Modelo que reorganizei com base nos lados retirados de três fontes: Mead. *Du vivre sur les ronces*, p. 214; Tanió, Nadine. "Photographe Bali: la vision, la réflexivité et le réel ethnographique", in *Xoana. Images et Sciences Sociales*, n° 2, Paris, Imerec/Jean Michel Place, 1994, pp. 27-49, aqui p. 29; e, sobretudo, Bateson, Mary Catherine. *Regard sur mes parents. Une évocation de Margaret Mead et de Gregory Bateson*, pp. 161-178.

Essa sistematização/modelo dos temperamentos e dos sexos, que, com singulares recortes, Margaret Mead apresenta, quarenta anos depois, na sua autobiografia, surpreende e desconcerta quando, no esquema dos quatro pontos cardeais, ela grifa no lado Oeste (e não Leste, como deveria ter feito) esta menção: "Nenhuma cultura", acrescentando logo:

Chegamos à conclusão de que deveria existir uma cultura da qual não tínhamos exemplo válido. Pressentia que Bali se constituía, precisamente, na *peça que nos faltava*. E quando, finalmente, fomos para Bali, verificamos que havíamos acertado na mosca.³⁹

Desse quadro tanto intelectual quanto emocional participava, sem poder medi-lo plenamente, Ruth Benedict (a mais íntima amiga de Margaret Mead, belíssima mulher, que, na época, era assistente de Franz Boas), quando enviou ao trio, reunido junto à lagoa de Chambri, a primeira versão de seu futuro *Patterns of culture*.⁴⁰

EDWARD SAPIR E OS PATTERNS OF CULTURE DE RUTH BENEDICT (CONFIGURAÇÕES E MODELOS CULTURAIS)

ANTES DE PASSAR AO exame do conceito de "caráter" (*ethos*), que Gregory Bateson burilava no meio dos Iatmul da Nova Guiné, quando estudava um de seus rituais, o do *Naven*, faz-se necessário mencionar dois outros autores – Edward Sapir e Ruth Benedict –, ambos amigos de Mead e integrantes da chamada "escola de cultura e personalidade" americana, os quais, com Franz Boas, insistiam sobre o "relativismo cultural".

Edward Sapir (1884-1939), em 1927, escrevia:

Todo comportamento cultural obedece a modelos. Com outras palavras, o que faz, pensa e sente um indivíduo pode ser analisado não somente a partir das formas de comportamento que pertencem ao seu organismo biológico, mas a partir de um modo de comportamento geral que provém da própria sociedade [...]. Para entender o que faz um indivíduo, temos que aceitar tacitamente os modos de interpretações arbitrários que a tradição social nos impõe desde o nascimento. [...] Esse *patterning*, ou análise formal do comportamento, depende estreitamente do modo de apreensão estabelecido pela tradição do grupo. Formas e significações que parecem evidentes para o observador são formalmente desmentidas por aqueles que aplicam os modelos (*patterns*); e inversamente [...]. É por não ter conseguido perceber o *patterning* indígena que nossas descrições das manifestações culturais alheias permanecem tão pobres e tão incorretas.⁴¹

Voltando ao assunto, alguns anos depois,⁴² Sapir notará que a utilização da palavra "costume" (*custom*) para designar "o conjunto dos

³⁹ Mead, Margaret. *Du vivre sur les ronces*, p. 213. Os grifos são nossos.

⁴⁰ Benedict, Ruth. *Patterns of culture*, Boston, Houghton Mifflin Company, 1956 (1ª ed., 1934).

⁴¹ Sapir, Edward. "The unconscious patterning of behavior in society", in *The unconscious: a symposium* (E. S. Dummer, Ed.), New York, Knopf, 1927. Remetemos à edição de David Mandelbaum (Ed.). *Selected writings of Edward Sapir in Language, culture and personality*, University of California Press, Berkeley, Los Angeles, 2ª ed. 1951, pp. 544-559, aqui pp. 546-547.

⁴² Sapir, Edward. "The custom", in *Encyclopaedia of social sciences*, New York, MacMillan, 1931, 4, pp. 658-662. Republicado na edição de David Mandelbaum, *op. cit.*, pp. 365-372.

modelos de comportamento transmitidos pela tradição e armazenados no grupo” geralmente se opunha, na prática verbal, “às atividades pessoais do indivíduo que são mais contingentes” (p. 365). Reconhecia, também, que, se o conceito de “costume” servia como base ao desenvolvimento etnológico do conceito de “cultura”, mais fino e mais teórico, a imprecisão do primeiro se devia “à sua ligeira conotação afetiva” (p. 365).

O costume contribui para simplificar de maneira considerável a aprendizagem do indivíduo; é a afirmação simbólica da solidariedade do grupo. Ele é um subproduto de suas funções fundamentais: o valor afetivo que acarreta o poder de reatar o presente ao passado e de dilatar no tempo um “eu” que coloca a sua autoridade a serviço do “eu” estendido, que representa a comunidade agindo no presente (p. 370).

Ao sublinhar ainda que “o costume é mais forte e mais tenaz nas sociedades primitivas que nas sociedades modernas”, sendo que “as dimensões mais restritas do grupo fazem do mais alto grau de conformismo uma necessidade psicológica” (pp. 368-369), Sapir insistia no fato de que a religião e o direito são, dentre os agentes conscientes da perpetuação do costume, “os mais eficazes” (p. 371). Enfim, reconhecendo a ambigüidade da palavra “costume” (*custom*) (ou “instituição”, “convenção”, “tradição”), ele convidava a substituí-la por dois conceitos mais precisos: “hábito” (*habit*) ou “sistema de hábitos” para designar os comportamentos, cujo lugar seria o indivíduo, e “modelo cultural” (*cultural pattern*) ou “cultura”, cujo lugar seria a sociedade (p. 366).

Falando de “modelos culturais”, ter-se-á reconhecido *Patterns of culture*, de Ruth Benedict (1887-1948), um livro publicado em 1934, no qual a assistente de Boas lançava a noção inovadora segundo a qual era possível uma cultura caracterizar-se através de uma única configuração cultural *dominante*, relegando sexo e temperamento a uma condição tanto livre quanto subalterna.

Aluna de Robert M. Lowie (1883-1957) e, depois, de Alfred Louis Kroeber (1876-1960), Benedict tinha observado a grande diferença de comportamento cultural existente entre os índios Pima e os índios Pueblo, no decorrer de seus anos de pesquisa de campo (1922 a 1926). Enquanto os primeiros pregavam o excesso e a exaltação, os segundos destacavam a harmonia e a moderação. Através dessas observações e de outras, Benedict chamava a atenção para o fato de que a cultura é uma *matriz*, um *molde* segundo o qual as personalidades particulares se organizam:

A história da vida de todo indivíduo é primeiro e antes de mais nada a acomodação aos modelos e padrões [*patterns and standards traditionally handed down*] em uso na sua comunidade. Desde seu nascimento, os costumes do mundo no qual nasceu moldam sua experiência e seu futuro comportamento. Quando chegar a poder se expressar, esse indivíduo será a pequena cria de sua cultura e, à medida que crescer, será capaz de tomar parte das atividades dessa cultura: os hábitos de sua cultura tornar-se-ão seus hábitos, as crenças de sua cultura tornar-se-ão suas crenças, as impossibilidades de sua cultura, suas próprias impossibilidades. Toda criança nascida no mesmo grupo partilhará disso, mas nenhuma criança nascida em outro lugar do globo jamais poderá vivenciar a milésima parte disso. Não existe, dessa maneira, outro problema social de importância, a não ser o de entender o papel que vem desempenhando o costume.⁴³

Mais adiante, viria a insistir sobre o fato de que cada sociedade possui, numa escala mais ampla, num patamar mais elevado – no entanto, sempre gerado pelos seus próprios súditos e componentes –, uma “personalidade própria”, “uma impulsão dominante”, “uma configuração cultural”. Cada cultura seleciona, a partir do grande arco das potencialidades humanas, certas características. Cada cultura modela, a partir da argila, a sua própria tigela, e é nesta que os indivíduos bebem sua vida. Quando se rompe a tigela, ou a cultura não existe mais ou ela se transformou por completo.⁴⁴

Ao recorrer ao conceito de *pattern*, Benedict, enfim, vislumbrava já uma dupla dimensão contedística do *pattern* cultural, presente em toda sociedade humana: a dimensão “comportamental e afetiva” e a dimensão “cognitiva”, o que, na época, Gregory Bateson retomará e redesenhará, falando então, respectivamente, do *ethos* e do *eidos* de uma cultura.

Este texto fundador de Benedict não poderia ser mais claro:

Uma cultura, tanto quanto um indivíduo, representa um modelo mais ou menos consistente *de pensamento e de ação* [*pattern of thought and action*]. Dentro de cada cultura, encontram-se projetos de ação característicos que não são necessariamente partilhados por outros tipos de sociedade. De acordo com esses propósitos, os povos consolidam cada vez mais sua experiência e, na medida em que essa maneira de ver exerce uma pressão mais ou menos forte, os detalhes heterogêneos revestem-se de uma forma mais ou menos adaptada a essa maneira de ver. Adotados por uma cultura bem integrada, os atos mais extravagantes refletem as características de seus objetivos particulares, sofrendo, às vezes, incomuns metamorfoses. Não podemos entender a forma [*form*] que esses atos tomam a não ser entendendo primeiro as molas *emocionais e intelectuais* [*emotional and intellectual mainsprings*] dessa sociedade.⁴⁵

43 Benedict, Ruth. *Patterns of culture*, pp. 2-3.

44 *Ibid.*, pp. 21-44; releer o magnífico capítulo II (“The diversity of cultures”).

45 *Ibid.*, p. 46. Os grifos são nossos.

NAVEN, DE GREGORY BATESON:
OUTRO PRELÚDIO AO *BALINESE CHARACTER*

SEM TER DE ELABORAR uma biografia⁴⁶ de Bateson, algumas informações se fazem necessárias para situar, minimamente, sua personalidade e seu trabalho *antropológico*, praticamente sintetizado no *Naven*, uma monografia na qual desenvolverá vários conceitos, tais como *cismogênese*, *ethos* e *eidós*. Esse interlúdio me parece, desse modo, indispensável à compreensão futura de *Balinese character*.

Bateson nasceu numa família da alta burguesia inglesa. Filho caçula de um pai famoso, o geneticista William Bateson, e de uma mãe tão alta quanto possessiva, Béatrice, Gregory Bateson tinha iniciado seus estudos em zoologia no St. John's College (Cambridge), de onde o avô paterno havia sido reitor.

Dividido, todavia, entre o constrangimento de ser o filho de um pai célebre, após a morte de seus dois irmãos mais velhos, e a necessidade de guardar vínculos com uma mãe puritana e obsessiva, Bateson, em 1925, toma partido: ele será aquele que há de ser. Abandona as ciências naturais e inicia a formação em antropologia, sob a direção de Alfred Cort Haddon (1855-1940), outro zoólogo de formação que – vale a pena lembrar o fato – havia organizado, na virada do século XIX para o XX, a expedição ao estreito de Torres, entre a Austrália e a Papua-Nova Guiné, mobilizando as novas tecnologias da época (o cinema e a fotografia) para documentar as culturas dos nativos daquelas regiões.⁴⁷

Em janeiro de 1927, apenas um ano após a morte de seu pai, Bateson embarca para realizar um trabalho de investigação na Nova Guiné e estudar os efeitos do contato cultural entre os indígenas e os brancos.⁴⁸ Optará por permanecer, de abril de 1927 até março de 1928, no meio dos Baining (no lugarejo de Latramat), agricultores nômades da zona norte da então New Britain. Bateson não sabe como se comportar como antropólogo. Sente-se, no meio deles, um intruso e inoportuno, apenas um medíocre repórter. Como muitos outros antropólogos que têm a primeira estada no campo, ele também se ressentia da frustração e da solidão.

Desapontado, acaba deixando os Baining e, após alguns meses de permanência em Sidney, viaja novamente (começo de outubro de 1928) para uma comunidade, desta vez de pintores, os Sulka,

onde ficará cinco meses e de onde regressará novamente decepcionado e desanimado. Em meados de fevereiro de 1929, empreende um cruzeiro, visita Manus (que Mead e Fortune acabavam de deixar), passa quatro dias numa aldeia Iatmul do rio Sepik (Tambunam, aonde voltará mais tarde com Margaret Mead) e, finalmente, fixa-se, por quase um ano, no meio dos Iatmul de Mindimbit.

Três anos de trabalho de campo se passaram, três anos durante os quais Bateson procurou a si mesmo, mas, sobretudo, tentou entender o ofício do antropólogo e a maneira com que se podia repensar, fora dos círculos semi(o)cultos e pedantes do St. John's College (Cambridge), uma abordagem mais holística das sociedades humanas e, em particular, como descrever mais adequadamente a observação sistemática dos detalhes do comportamento humano.

Tinha exatos 26 anos de idade, na primavera de 1930, quando, de volta à Inglaterra, se refugiou numa granja de Yorkshire, escrevendo sua dissertação de mestrado.⁴⁹ No verão de 1931, Bateson projetava “regressar à Nova Guiné para ampliar suas investigações, em especial para tentar desemaranhar as variantes conflituosas que havia observado”.⁵⁰

Tendo obtido fundos importantes de entidades científicas, e apesar das pressões crescentes de sua mãe, Gregory Bateson inicia, no começo de janeiro de 1932, a segunda etapa de pesquisa no meio dos Iatmul. Permanecerá ali outros quinze meses, trabalhando sozinho, nas aldeias de Palimbai, Malingai e Kankanaman (onde acolherá, no começo do ano de 1933, Reo Fortune e Margaret Mead). Volta para Cambridge na primavera de 1933, tranca-se e redige o seu *Naven*.⁵¹

*

Essa primeira e única grande obra antropológica de Bateson, *Naven*, não foi, na verdade, um sucesso de livraria, na época de seu lançamento. Até certos antropólogos se inquietavam. Eis que um colega, apenas saído de uma formação de zoólogo, se arriscava, sob a direção de Alfred Cort Haddon, a penetrar nas comunidades Iatmul da Nova Guiné e a estudá-las. Mais grave, talvez, aos olhos dos mesmos colegas (e em nome de suas escolas, verdadeiros feudos) era o fato de que Bateson, ao estudar um único ritual dos nativos Iatmul (a cerimônia do *Naven*),⁵² se atrevia e se permitia encará-lo de um triplo ponto de vista: estrutural, sociológico e etológico (*ethos*).

49 Bateson, Gregory. “Social structure of the Iatmul people of the Sepik river”, in *Oceania* 2 (1932), pp. 246-269 e 401-453.

50 Lipset, David. *Op. cit.*, p. 153.

51 Bateson, Gregory. *Naven. A survey of the problems suggested by a composite picture of the culture of a New Guinea tribe drawn from three points of view*, Stanford, Stanford University Press, 1965 (original inglês: 1936).

52 Bateson descreve as cerimônias do *Naven* (cap. 2) em dezessete breves páginas. Essas cerimônias, todavia, servirão de argumento para desenvolver um conjunto de reflexões e de conceitos, tanto psicológicos como sociológicos, particularmente inovadores na época. Quanto à própria cerimônia, Lipset (p. 161) oferece um resumo particularmente bem elaborado: “O título do livro remete ao nome do ritual congratulatório Iatmul que se praticava para parabenizar o filho de uma irmã quando o menino tinha, pela primeira vez, realizado um ato considerado qualitativamente adulto [por exemplo, matar um inimigo ou um grande crocodilo, mas, também, ter conseguido construir uma piroga]. Quando se realizava com todo o seu esplendor, a cerimônia incluía o travestimento e a homossexualidade ritual. O irmão da mãe do iniciado, vestido de uma saia suja [que vestem as viúvas mais feias], apresentava o traseiro ao sobrinho [o qual esfregava a perna entre suas nádegas]; além disto [o irmão da mãe] desempenhava o papel feminino num coito simulado com sua própria mulher”. Para os interessados, assinalo: Houseman, Michael e Severi, Carlo. *Naven ou le donner à voir (essai d'interprétation de l'action rituelle)*, Paris, Maison des Sciences de l'Homme, 1995.

46 Não conheço outra biografia de peso a não ser a de Lipset, David. *Gregory Bateson. The legacy of a scientist*, Boston, Beacon Press, 1982. Versão castelhana: *Gregory Bateson. El legado de un hombre de ciencia*, México, Fondo de Cultura Económica, 1991.

47 Ver Jordan, Pierre-L. *Premier contact - premier regard. Cinéma. Cinema Kino, 1*, Marselha, Musées de Marseille, Images en Manoeuvres Éditions, 1992, pp. 37 e segs.

48 “O Dr. Haddon fez de mim um antropólogo, anunciando-me numa viagem de trem, entre Cambridge e King's Lynn, que desejava me formar e que me enviaria à Nova Guiné”, in *Naven* (prefácio).

Na realidade, o que Bateson intuía, naquela época, era como a *compreensão* de um simples fato social – no caso, um ritual aparentemente banal tanto quanto original – podia ser explorada e enriquecida por uma variedade de abordagens teóricas e a partir de diversos saberes antropológicos. Bateson não falava ainda, é verdade, de “estrutura que une (*connects*)”, palavra-chave que atravessará toda sua obra comunicacional futura. Procurava, no entanto, entender a estrutura que liga a natureza e o pensamento, um ritual e uma comunidade dentro da qual este se desenvolvia e se alimentava; procurava entender cada cultura “local” num universo e num horizonte que não podiam ignorar as singularidades de outras culturas.

Seria um engano, todavia, pensar que Bateson, na época, abjurava a sua fé na escola do funcionalismo inglês e em seus principais representantes, Malinowski (1884-1942) e Radcliffe-Brown (1881-1955). Basta reler o seu “Prefácio” e, mais ainda, os capítulos de *Naven* sobre a “Análise estrutural da relação Wau-Laua” (cap. 6) e a “Sociologia do *Naven*” (cap. 7) para ter a plena convicção de sua fidelidade aos seus mestres. Dito isto, tanto seu tríplice modo de apresentação da cerimônia do *Naven* como sua revisão dos “Conceitos de estrutura e de função” (cap. 3), sem falar dos “Epílogos” de 1936 e, sobretudo, daquele de 1958, representam as etapas de um aprofundamento crítico e sistêmico das posições funcionalistas que, em poucas palavras, Bateson resume desta maneira: “É uma evidência o fato de que o elemento sensível e emotivo desempenha um papel ativo dentro de uma cultura. Sendo assim, nenhum estudo funcional será completo se a sua tonalidade afetiva geral, o *ethos*, não estiver associada à estrutura e ao funcionamento da cultura”.⁵³

*

Sem nos afastarmos desse assunto e menos ainda do espírito que presidirá a concepção e a elaboração de *Balinese character*, é interessante transcrever aqui parte de uma autocrítica que, no seu “Epílogo de 1958”, Bateson faz da própria monografia, por ocasião da reedição de *Naven*. O que o leitor descobrirá nesse texto é o fato de que Bateson não apenas continua questionando fortemente sua terminologia e seus conceitos como, sobretudo, procura afinar, cada vez mais, o que será, até sua morte, sua principal interrogação: como podemos conhecer as coisas deste mundo? Como podemos adquirir alguns

saberes sobre os homens e as culturas, com relativo grau crítico no tocante aos processos e aos mecanismos, afetivos e cognitivos, que os antecedem, que os geram e os perpassam? Bateson é fundamentalmente um epistemólogo. Não se poderá descobrir e entender, dessa maneira, *Balinese character* sem ter sempre em mente o que, para esse biólogo, antropólogo, etólogo, psiquiatra e comunicólogo, constitui uma premissa fundamental de todo pensamento ou, melhor dizendo, de toda tentativa de compreensão dos seres vivos. *Balinese character* – veremos mais tarde – não é uma obra de cunho apenas conceitual (a procura do *ethos*, do “caráter”, daquilo que viria a definir o “estilo” de vida da sociedade balinesa). Essencialmente, representa a tentativa de entender os modos, sim, pelos quais dados (no caso, essencialmente condutas e comportamentos observáveis) vão se estruturando num conjunto (numa “classe” conceitual, dirá Bateson), mediante um incessante e progressivo trabalho de inter-relacionamento e de circularidade, realizado em torno e por meio desses próprios dados. No caso de *Balinese character*, tratar-se-á, assim, de combinar textos e imagens, de entrelaçar imagens e textos, mas também, e ao longo das cem pranchas temáticas que compõem a obra, de fomentar uma circularidade verbo-visual, fazendo com que a primeira prancha, intitulada “Bajoeng Gede:⁵⁴ aldeia e templos”, não possa ser isolada, lida e visualizada independentemente da centésima, que, entre outros textos e outras imagens, falará de “A continuação da vida”.

Eis o texto de Bateson que anunciei:

Toda ciência é a tentativa de encobrir por meio de dispositivos explicativos – e, conseqüentemente, de obscurecer – a imensa obscuridade de seu objeto [...]. Mas esse jogo tem, também, outra finalidade, mais profunda e mais filosófica: a de aprender algo sobre a própria natureza da explicação, de tornar clara pelo menos uma parte dessa operação tão obscura: o processo do conhecimento. [...] *A cerimônia do Naven* não passa, na realidade, de um estudo sobre a natureza da explicação [...], uma tentativa de síntese dos modos como os dados podem ser estruturados num conjunto. É essa estruturação dos dados que designo pelo termo “explicação”. [...] Quando escrevia [*Naven*], procurei não apenas elaborar explicações, ajustando os dados num todo, mas também tentei utilizar esse processo explicativo como um exemplo, como um quadro dentro do qual os princípios pudessem ser observados e estudados. [...] O ponto culminante e final do livro é a descoberta, descrita no *Epílogo de 1936* [...], daquilo que, hoje, não passa de um truísmo: o fato de que “*ethos*”, “*eidós*”, “sociologia”, “economia”, “estrutura cultural” e todos os outros conceitos desse tipo, todos se referem unicamente à maneira como os homens de ciência ajuntam as peças de um

⁵⁴ Bajoeng Gede, a aldeia montanhosa da ilha de Bali, que será o local principal do trabalho de campo de Mead e Bateson.

⁵³ *Naven. A survey of the problems*, p. 2.

quebra-cabeça. Todavia, esses conceitos teóricos participam, também, de uma ordem objetiva de realidade: eles são *realmente* as descrições de processos de conhecimento adotados pelos homens de ciência. Agora, supor que palavras como “*ethos*” ou “estrutura social” possuem outra realidade significa cair no erro que Whitehead designava de “o concreto mal colocado”. Essa armadilha, essa ilusão – como tantas outras –, desaparece quando a estruturação lógica termina. Se “*ethos*”, “estrutura social”, “economia” etc. são palavras pertencentes à linguagem que descreve a maneira como os homens de ciência dispõem dos dados, então essas mesmas palavras não podem jamais ser utilizadas para “explicar” os fenômenos. Ou seja, nunca esses termos poderão ser categorias “etológicas” ou “econômicas”. Decerto, os indivíduos são influenciados pelas teorias econômicas e pelos paralogismos (falsos raciocínios) econômicos – tanto como, aliás, pela fome –, mas, de maneira nenhuma, pela palavra “economia”: “economia” representa uma *classe* de explicações, não uma explicação.⁵⁵

Para Bateson, todo esforço de entendimento – desde a compreensão da mais ínfima ameba até a mais estranha ou singela conduta cultural – passa, necessariamente, pelo dédalo de uma infinita constelação de significações correlatas. Entre *Naven* e *Balinese character*, existe um parentesco epistemológico fundamental que, de longe, ultrapassa o valor dos resultados antropológicos cunhados em torno do conceito de *ethos*, ao qual voltaremos adiante.

BATESON E MEAD EM BALI: “O PEDAÇO QUE FALTAVA”

ESTAMOS EM MARÇO de 1936. Mead e Bateson aproximam-se de Bali. Margaret leva consigo um enxoval de *lingerie* de seda, que Gregory utilizará, mais tarde, para proteger as objetivas de suas máquinas fotográficas. Passarão três anos na ilha de Bali. Uma ilha mágica, dominada por seus dois grandes vulcões, moradas dos deuses, cujo exato antípoda é a cidade de Manaus.

Chegamos a Bali em março de 1936, o primeiro dia do ano balinês, *Njèpi*. Nesse dia, um silêncio absoluto reina na ilha. Ninguém circula, ninguém fala, os gongos calam-se, nenhum fogo brilha, as crianças evitam falar alto, os cachorros não ladram...⁵⁶

Bateson e Mead não podiam mergulhar melhor no *ethos* e no *eidós* balinês. Mas quem eram esses dois gigantes da antropologia, de estilos e gênios tão diferentes e tão complementares?



57 Howard, Jane. *Margaret Mead. A life*, New York, Ballantine, 1984.

58 Grosskurth, Phyllis. *Margaret Mead*, Penguin Books Ltd., Harmondsworth, Middlesex, 1988. Trad. port.: *Margaret Mead. Uma vida de controvérsia*, Rio de Janeiro, Casa-Maria Editora, LTC Livros Técnicos e Científicos Ed., 1989.

59 Pallard, Michael. *Margaret Mead. Bringing world cultures together*, New York, 1999.

UM “OLHAR SOBRE OS MEUS PAIS”

A FAMA DE MARGARET atravessou os continentes e suas principais publicações foram traduzidas no mundo inteiro. Além da autobiografia, que já mencionei, não faltam, desde sua morte, outros trabalhos que lhe foram dedicados: entre eles, o de Jane Howard,⁵⁷ de Phyllis Grosskurth⁵⁸ e, recentemente, o de Michael Pallard.⁵⁹

Conhece-se insuficientemente ainda, nos meios universitários, a obra também polivalente e polifônica de Gregory Bateson. O século que se inicia, com certeza, nos obrigará a descobrir um dos mais importantes epistemólogos, antropólogos e comunicólogos do século passado. Não nos faltam, no entanto, algumas obras que já retratam sua existência, seu percurso intelectual e, sobretudo, sua dimensão visionária.⁶⁰ Além dessas, há de se mencionar o magistral trabalho biográfico (ao qual já me referi) que David Lipset (antropólogo, discípulo de Bateson, a quem o cientista deu carta branca para abrir todos os seus baús) publicou, pouco após a morte

60 Assinalo, em particular, duas importantes publicações organizadas por Winkin, Yves, *La nouvelle communication*, Paris, Seuil, 1ª ed. 1981; 4ª ed. (aumentada) 1984 [versão brasileira parcial, publicada em 1998, sob o título *A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo*, Campinas, Papirus Editora] e *Bateson: premier état d'un héritage. Colloque de cerisy sous la direction d'Yves Winkin*, Paris, Seuil, 1988. Remeto ainda ao livro organizado por Rieber, R. W. *The individual communication and society: essays in memory of Gregory Bateson*, Paris, Maison des Sciences de l'Homme, 1989 e, mais recentemente, ao trabalho do psicanalista canadense Pauze, Robert. *Gregory Bateson. Itinéraire d'un chercheur*, Ramonville Saint-Agne, Érès, 1996, e do psiquiatra francês Benoit, Jean-Claude. *Double lien, schizophrénie et croissance*, Ramonville Saint-Agne, Érès, 2000.

55 *Naven*, pp. 280-281.

56 Mead, Margaret. *Blackberry winter: my early years*, New York, William Morrow and Company, 1972. Tradução francesa: *Du givre sur les ronces. Autobiographie*, Paris, Seuil, 1977, p. 219.

do mestre, sob o título *Gregory Bateson. O legado de um cientista*⁶¹ e, dois anos mais tarde, o comovente, preciso e lúcido olhar a partir do qual Mary Catherine Bateson, única filha do casal, fala dos pais, no seu *With a daughter's eye: a memoir of Margaret Mead and Gregory Bateson*,⁶² publicado em 1984.

Na medida em que Margaret Mead dedicou boa parte de seu trabalho antropológico ao estudo comparativo das personalidades e das culturas humanas, observando – em inúmeras ocasiões – o comportamento de jovens crianças, não será irreverência minha evocar as figuras, contrastadas e complementares, de Bateson e Mead a partir do olhar de uma outra criança: sua própria filha, Mary Catherine.

Retomarei, num primeiro momento, uma longa citação textual da autora, síntese – emocionante, poética, na qual nem o bom humor falta – da visão que ela guarda dos pais em termos de contrastes físicos, mas também em termos de estilos de vida e de ritmos de trabalho. Procurarei, depois, respigar, como se faz num vasto campo de trigo, algumas outras migalhas que, na profusão de detalhes vivos desse livro, deverão, talvez, conduzir-nos a entender melhor de que grãos Bateson e Mead eram compostos e com que tipos de pães poderiam nos alimentar.

Como qualquer criança diante do divórcio dos pais [que se formalizou no verão de 1950], começo tentando ver os meus pais reunidos na sua relação comigo e procuro unificar suas imagens separadas. Poucas vezes tive a oportunidade de vê-los juntos: alguns anos, no começo da guerra, quando era pequenina; um ano após a guerra, pouco antes da separação deles; e em alguns encontros profissionais passageiros no decorrer dos anos que se seguiram. Enfim, ao se aproximarem da morte, cada um deles temia a doença e o desaparecimento do outro como um fato que aconteceria num contexto que partilhavam. Ao longo dos seis meses que precederam o falecimento da minha mãe, eles se encontraram freqüentemente, oferecendo-me, desse modo, momentos que lembravam as imagens fragmentárias da minha infância: o ceticismo de Gregory temperado pela sua ternura, a energia e o dinamismo de Margaret expressando-se através de seu corpo franzino, tendo desaparecido a corpulência dos últimos anos. A harmonia desses encontros me fazia reviver as longas horas durante as quais, ainda criança, fui testemunha de conversas de rara intensidade; e entendia de onde vinha minha atração pelos pensamentos e especulações abstratas. O jogo intelectual estava carregado de emoção, era uma maneira de fazer amor.

Não se podia vê-los lado a lado sem perceber seus contrastes, e continuo sentindo fortemente essa mesma dissonância quando olho

as fotografias antigas ou quando evoco lembranças. O que saltava aos olhos à primeira vista era a diferença de tamanho, assim como a do estilo e do ritmo dos seus movimentos. Minha mãe, que media apenas um pouco mais de um metro e meio, era compacta e parcimoniosa em seus gestos, reunindo em torno dela tudo aquilo de que precisava, com muita eficácia. Gregory, que chegava a um metro e oitenta e cinco, tinha passado boa parte de sua juventude procurando dissimular seus centímetros a mais, mantendo curvadas as costas, não sabendo o que fazer de seu tamanho nem das suas pernas compridas. Revejo-os, sentados ao meu lado, numa coberta estendida no chão, ao ar livre. Gregory tem os joelhos recolhidos para o alto, o cotovelo apoiando-se sobre um joelho erguido, sendo o resultado um ângulo em forma de M coroado de um W de esguelha. Margaret está sentada sobre uma anca, as pernas recolhidas, a saia meticulosamente desdobrada ao seu redor, igual a uma amazona montada num cavalo, as mãos juntas sobre o peito – e ela se debruça para a frente, no fogo da discussão. Seu físico encolhido permitia mil refúgios: podia instalarme com toda tranquilidade sobre os seus joelhos ou ainda me aninhar a ela, sobre o divã, quando nos fazia uma leitura em voz alta. Aos olhos de uma criança, o corpo de Gregory evocava uma gaiola para esquilos muito mais que uma cama fofa. Dito isto, o cume da glória era o fato de me encontrar empoleirada sobre seus ombros, erguida acima da multidão, obrigada a abaixar a cabeça para passar sob as portas ou os ramos das árvores.

Seus ritmos eram também muito diferentes. Margaret era rápida e segura de suas intenções à medida que avançava no dia, com um uso do tempo em que cada atividade era fixa. Aparentemente incansável, nunca desperdiçava energia. Encerrava bruscamente as conversas telefônicas e, muito raramente, voltava seus passos para reiterar um adeus, uma vez que estava impulsionada numa nova trajetória. Os dias de Gregory eram cheios de coisas adiadas e de momentos de abandono ao devaneio, quando permanecia brevemente desocupado antes de mobilizar novamente toda sua estatura em vista da atividade seguinte. Seus pés constituíam, a seu olhar, longínquas colônias, afastadas de suas preocupações; tornaram-se cada vez mais insensíveis à medida que avançava a idade, e acabou por calçar sapatos, no verão como no inverno, sem meias. Muitas vezes seus pés permaneciam no ar, emergindo das cobertas, nas camas que eram pequenas demais para o seu tamanho.

Quando rememoro meus pais, vejo suas mãos. As de Margaret eram pequenas e delicadas, com minúsculas meias-luas à raiz das unhas; elas se movimentavam de maneira simétrica diante dela, a palma virada para o alto, quando falava, e voltavam para ela quando a frase terminava. Margaret dava a impressão, por assim dizer, de oferecer simbolicamente os seios na palma das mãos, convencida de que nos alimentava mesmo no decorrer da discussão mais virulenta. As mãos de Gregory eram espetaculares, angulosas, com dedos compridos que acabavam com grossas unhas descoloridas. Servia-se delas de maneira assimétrica quando se expressava, e uma de suas mãos podia dessa maneira permanecer no ar, esquecida após um gesto esboçado.⁶³

63 Bateson, Mary Catherine. *With a daughter's eye*, cap. 2, pp. 11-13 da edição de bolso, publicada por Washington Square Press, New York, 1985.

61 Lipset, David. *Gregory Bateson. The legacy of a scientist*, Boston, Beacon Press, 1982. Existe uma versão castelhana: *Gregory Bateson. El legado de un hombre de ciencia*, México, Fondo de Cultura Económica, 1991.

62 Bateson, Mary Catherine. *With a daughter's eye. A memoir of Margaret Mead and Gregory Bateson*, New York, William Morrow and Company, Inc., 1984. Versão francesa: *Regard sur mes parents. Une évocation de Margaret Mead et de Gregory Bateson*, Paris, Seuil, 1989.

*

With a daughter's eye é um livro de extraordinária ternura, sem afetação, sem concessão, explorando com fineza dois seres, duas lendas, dois estilos de vida, duas maneiras de ver e de pensar o mundo. No entanto, na medida em que o passado tem, muitas vezes, como destino o esquecimento, acho necessário explorar – até minimamente e, de novo, com base nas percepções de Mary Catherine – alguns traços mais singelos dos autores de *Balinese character*. Na evocação que faz de seus pais, Mary Catherine, com efeito, faz ressurgir um conjunto de detalhes que poderão aproximar-nos mais desses dois cientistas, sempre engajados, embora de maneira distinta, na tentativa de uma compreensão e na perspectiva de um relacionamento mais fecundo entre as culturas humanas. O que se seguirá é da ordem de uma confiança necessária.

*

Bateson e Mead, que foram, a vida inteira, nômades (quantas vezes não tiveram de mudar de uma cidade para outra ou de um apartamento para outro) e nunca seguiram uma carreira acadêmica no sentido clássico da palavra (o ensino nunca foi outra coisa senão uma atividade ocasional ou periférica), partilhavam esta inspiração comum: a constituição de grupos, em que as idéias originais dos participantes completavam umas as outras (p. 53).⁶⁴

Margaret, na verdade, era muito seletiva nos seus modos de participação (p. 54) e tinha a propensão a dirigir a vida dos outros (p. 140). Criava e mantinha imagens de amigos e de relações tais como desejava que fossem (p. 147). Com um impetuoso e insaciável apetite de descoberta, buscava sem cessar experiências mais ricas e mais intensas, a ponto de, por vezes, esgotar seus parceiros, irritados com sua atitude possessiva e seu ciúme (p. 149). Dito isso, ela, que lia e escrevia muito rapidamente, quando viajava em torno do mundo levava sempre um pequeno caderno na bolsa, anotando toda idéia ou informação nova que pensava poder utilizar (p. 242).

Para Margaret, falar era uma paixão (p. 253), e ela tinha uma extraordinária capacidade de orquestrar o que acontecia ao seu redor (p. 272). Prolífica, no sentido de que tudo o que lhe chegava era apreciado pelo ato de partilhar (p. 153), podia, no tocante a assuntos

que a cativavam, ser, ao mesmo tempo, veemente e poética, e nunca utilizava argumentos puramente abstratos. Recorria, sim, aos dados da tradição e à linguagem da poesia para conseguir adesões (p. 108). De uma extraordinária vitalidade, impulsiva, intensa e passional, quando se deparava com um problema, sua imaginação galopante encontrava logo uma solução (p. 141). A atitude materna estava-lhe profundamente enraizada (p. 177) e seu apetite de descoberta era insaciável (p. 149). Lançava milhares de idéias em todas as direções, como espermatozoides (p. 142).

Ela gostava de roupas lindas, adorava chapéus (p. 104) e levava consigo, em todos os países, uma pequena almofada de seda, que lhe permitia dormir em qualquer lugar e evocava o conforto de sua cama. Essa distinção estava aliada à sua extrema generosidade. Ela trabalhou, anos a fio, para o melhoramento das comunidades internacionais e interculturais (p. 109) e lutou contra a fome no mundo (p. 107). Sempre pensava em termos de construção (p. 17) e tinha gosto pela inovação (p. 37). Margaret preocupava-se com o mundo humano – de todos os seres humanos, sem distinção de cultura e de raça (p. 73). Partilhava a crença humanista na singularidade da criação, mas também a crença científica de que todo processo, em última análise, é de interesse geral. Anotava tudo, como faziam todos os antropólogos, qualquer que fosse o resultado, esperando que a integração e a descrição de um único exemplo ajudassem a entender melhor a condição humana (p. 35). Margaret tinha um apetite insaciável por dados detalhados, precisos, minuciosos (p. 245); desejava captar um pedaço de vida e, logo depois, conceber rapidamente hipóteses, suposições, “pontos” e aplicá-los (p. 245).

“Quando”, acrescenta Mary Catherine, “procuro representar minha mãe trabalhando outro tipo de material que não as palavras, vejo-a cozinhando ou, ainda, fazendo malha” (pp. 53-54). Margaret sabia bordar com todos os fios (p. 31).

*

A vida de Gregory era, ao contrário, cheia de fios esparsos e peças descontínuas (p. 31). Apaixonado, desde a infância, pelas ciências naturais, Gregory, escreve Mary Catherine, evocando um dos passeios iniciáticos na sua companhia,

⁶⁴ Todas as referências textuais a que remeterei dizem respeito à versão francesa de *With a daughter's eye*, acima referida. Para não carregar o texto de aspas, e na medida em que precisei, muitas vezes, coadunar citações de Mary Catherine Bateson com as minhas próprias palavras, optei por um discurso mais aberto e, espero, mais direto.

[...] revirava velhos troncos para me fazer ver os escaravelhos e as lesmas que fervilhavam ao seu abrigo e, na praia, deslocava as pedras no meio dos charcos para, antes de recolocá-las cuidadosamente, mostrar-me os caranguejos azafamados que ali se escondiam [...]. Avistemos um rato do campo. Avistemos um sapo. Sigamos o caminho das formigas, lá bem embaixo dos talos, suas estreitas pistas no entrelaçado das raízes e das radículas (p. 65).

Bateson era, antes de mais nada, um observador nato, observador dos seres vivos: as formigas, as borboletas, as estrelas-do-mar, as orquídeas, os homens. Não é de estranhar que Mary Catherine voltasse sempre, dessa experiência originária com o pai, com uma palavra de ordem: “Papai, ensine-me alguma coisa” (p. 63). Essa parceria cúmplice se manterá viva, anos depois, nos extraordinários *metálogos* que ambos tecerão freqüentemente e que culminarão no último livro⁶⁵ de Bateson, *O medo dos anjos. Para uma epistemologia do sagrado*, publicado pela filha após a morte dele.

Se, porventura, Margaret tentava persuadir Gregory a colocar meias antes de subir no palco para a apresentação de uma palestra, o resultado era puro fracasso (p. 103). Gregory mantinha-se afastado das convenções sociais, mas permanecia disposto a dobrar-se a certas obrigações mundanas quando outras pessoas pareciam dar-lhes certo valor (p. 116). O seu ceticismo, temperado pela sua ternura (p. 22), assemelhava-se – numa conversa – à maneira muito particular com que sabia observar uma floresta ou uma lagoa (p. 118). Sem o dizer, ele pensava: “Sempre se assegure de poder descer da árvore”, pois, se a árvore é importante, ela não poderá ser entendida fora da estrutura que a une à floresta. Gregory, quando tinha uma idéia, permanecia sobre ela, chocava-a e a desenvolvia, como um enorme ovo (p. 142).

No final da vida, procurava uma moral fundada na estética, na qual o equilíbrio e a simetria forneciam as bases de uma paz ecológica (p. 103). Os dois campos de atividade teórica que mais o ocupavam, a cibernética e a teoria da informação, permaneciam eminentemente abstratos e formais, mas, ao mesmo tempo, constituíam ferramentas de conceitualização dos sistemas vivos (p. 118). Com sua atenção estruturada (p. 206), Gregory era verdadeiramente fascinado pela inteligência, pela lógica e pela elegância dos sentimentos e das relações humanas (p. 218).

*

Na época de *Balinese character*, Mead era o motor de uma embarcação capaz de enfrentar e de cortar as ondas – altas, agitadas ou mais calmas – que tanto ameaçavam o encontro entre as culturas como alimentavam, em todo lugar, os desequilíbrios sociais que prenunciavam a Segunda Guerra Mundial. Bateson, silencioso no banco do mesmo barco, segurava firmemente o leme e observava como se estruturavam as ondas circulares na superfície das águas, “nas águas muito lentas do mesmo rio profundo” (p. 143). Procurava novos parâmetros que pudessem redesenhar uma nova ordem do mundo: uma ecologia do espírito humano.

*

As idéias de Bateson não eram numerosas. Lia dois ou três livros por ano. Entende-se, dessa maneira, que, na sua vida inteira, suas pesquisas repousaram sobre uma série muito limitada de temas eminentemente abstratos, embora os exemplos e parábolas de que se utilizava no seu ensino variassem bastante rapidamente (p. 143). Margaret, quando se encontrava em campo, passava muito mais tempo batendo à máquina, classificando e colecionando notas, procurando lacunas ou paralelos, do que observando. Ela abordava o trabalho de campo sob o ângulo da rentabilidade ótima, isto é, do ganho de tempo (p. 184). Qualquer que fosse a disparidade entre os estilos intelectuais de Margaret e Gregory, faz-se necessário procurar um contraponto a fim de realçar os temas sobre os quais convergiam. Para eles, o prazer intelectual supremo consistia em reconhecer um modelo e ambos acreditavam que os processos de transmissão e de elaboração dos modelos em evolução deviam ser os mais protegidos, tanto no universo biológico como no universo social (pp. 290-291). Essa busca de globalidade, e a tristeza de vê-la ameaçada, atravessou, como um *Leitmotiv*, toda a vida dos dois (p. 146).

Se Mary Catherine pode confessar que “Margaret me ensinou a perceber e a estimar as diferenças” (p. 101) e declarar que “meus pais me ensinaram a aceitação da diferença e o respeito à individualidade” (p. 102), decerto ela ainda hoje se lembra dos questionamentos de sua infância: “Papai, ensine-me, ainda, algo sobre a ‘estrutura que une’ [*the structure which connects*] os seres vivos” ou, ainda, “temos que fazer um pouco de história natural” (p. 63), para começar a entender um pouco melhor o mundo dos homens.

⁶⁵ Bateson, Gregory e Bateson, Mary Catherine. *Angels fear. Towards an epistemology of the sacred*, New York, Macmillan Publishing Company, 1987.

O QUE MEAD E BATESON PROCURAVAM ESTUDAR EM BALI?

O QUE SUSCITOU O projeto que conceberam, com outros, Bateson e Mead? Onde se enraizou e a partir de que bases se elaborou *Balinese character*?

Margaret Mead oferece uma primeira série de respostas, genéricas e, às vezes, apriorísticas:

A escolha do assunto e da localização em Bali para nossa pesquisa foi determinada em função de um apelo do diretor do Comitê de Pesquisa em Demência Precoce [...]. Perguntava a psicólogos, psiquiatras e antropólogos como estudariam a demência precoce, chamada hoje esquizofrenia, na ótica de sua disciplina, se dispusessem de milhares de dólares para assegurar seu programa de pesquisa. Tinha alguns conhecimentos fragmentários da cultura de Bali. Tinha-me sido dada, uns anos antes, a oportunidade de ver filmes sobre dançarinos em estado de transe. E, em 1934, Jane Belo, que eu conhecia desde que tinha sido estudante em Barnard, entregou-me alguns documentos interessantes sobre Bali,⁶⁶ onde tinha vivido. Parecia-me, agora, que alguns dos elementos da cultura balinesa assinalavam o fato de que essa cultura poderia constituir-se em um domínio válido no qual se poderia verificar a presença ou a ausência de comportamento esquizofrênico [...]. Quando o Comitê de Pesquisa em Demência Precoce recusou nosso plano,⁶⁷ tão perfeitamente concebido, decidimos reunir os fundos que nos outorgaram nossas diferentes instituições e tentar realizar nosso projeto, tão bem quanto possível, em Bali...⁶⁸

Tínhamos escolhido Bali, conscientemente, por ser a cultura suscetível de nos fornecer materiais sobre um aspecto importante do temperamento de que somente pressentíamos a existência [Ver a *Figura 1*, apresentada anteriormente]. Tínhamos visto filmes e fotografias o bastante, ouvido suficientemente essa música que Colin McPhee estudava, lido suficientemente os meticulosos relatórios de Jane Belo sobre as cerimônias com que os balineses recebiam o terrível desastre que era o nascimento de gêmeos, para ter a certeza de que se tratava justamente da cultura que queríamos estudar.⁶⁹

Ou ainda, desta vez no próprio *Balinese character*:

Por muitos de seus traços, a cultura balinesa assemelha-se muito menos à nossa [americana] que às outras culturas estudadas até o presente. Além disso, trata-se de uma cultura em que a adaptação ordinária do indivíduo se parece, pela sua forma, com o tipo de inadaptação que, dentro de nosso próprio quadro cultural, chamamos de esquizóide. Num momento em que o número de demências precoces não cessa de aumentar entre nossa própria população, torna-se, para nós, cada vez mais importante

saber qual a origem, na experiência infantil, dessas predisposições. Torna-se necessário, também, saber como é possível, culturalmente, encarregar-se de tal predisposição para que não se transforme em inadaptação.⁷⁰

Enfim, Mead acrescentará, numa importante publicação posterior:⁷¹

Atentar para os aspectos não-verbais do comportamento forneceu ainda subsídios para outra pesquisa. Em 1935, enquanto eu preparava o material para o estudo sobre adolescência da Comissão de Referenciais Curriculares para a Escola Secundária da Associação de Educação Progressista, comecei a considerar que apresentações visuais seriam capazes de ultrapassar barreiras intransponíveis para a comunicação verbal. Também estava impressionada pela possibilidade de o registro visual fornecer dados de pesquisa bem mais precisos. Durante o trabalho de campo em Bali, o meu interesse em utilizar o registro fotográfico como instrumento de controle dos diferentes graus de sofisticação do pesquisador em campo [...] convergiu com o plano de Gregory Bateson de utilizar extensivamente a fotografia e o filme para muitos outros fins. Levamos para Bali *The expressions of the emotions in man and animals*, livro de Darwin quase que completamente negligenciado, publicado pela primeira vez em 1890. As concepções pioneiras de Erik H. Erikson, em 1937, sobre os comportamentos lúdicos infantis enquanto exteriorização dos processos de formação de caráter (Homburger, 1937) forneceram um pano de fundo teórico para o trabalho balinês, e *Balinese character* (Bateson e Mead, 1942) tornou-se um inventário dos tipos de registro, análise e cruzamento de referenciais que a fotografia fixa de seqüências rápidas possibilitava.

A essa seqüência de propósitos, que importaria reler e aprofundar atentamente, juntam-se outros intentos de Gregory Bateson, que, na época, acabava de ler *Travels in Arabia Deserta*, de Doughty, um livro que o provocou a gravar e a descrever as minúcias da existência cotidiana e que, ao mesmo tempo, questionava a maneira com que poderia tornar férteis, antropologicamente falando, os seus novos conceitos de *ethos* e de *eidos* elaborados no *Naven*, no qual declarou, no seu "Epílogo de 1936": "Até termos técnicas adequadas de descrição e de análise das posturas humanas, dos gestos, da entonação, do riso etc., devemos nos contentar com esboços impressionistas da 'tonalidade' do comportamento".⁷²

70 *Balinese character*, 1942, p. xvi.

71 Mead, Margaret e Byers, Paul. *The small conference. An innovation in communication*, Paris, Den Haag, Mouton & Co, 1968, p. 114 ("Background of this study"). Os grifos são nossos. Após *Balinese character* (Bateson e Mead) e *Growth and culture* (Margaret Mead e Frances Cooke MacGregor, 1951), *A pequena conferência* representa o terceiro e último trabalho importante de Mead. Nele, em co-autoria com Paul Byers, os autores procuram analisar, no duplo registro do visual e da descrição verbal, os comportamentos comunicacionais de pessoas participantes de reuniões (três tipos de conferências são propostos e analisados no livro).

72 *Naven. A survey of the problem*, p. 276: "Until we devise techniques for the proper recording and analysis of human posture, gesture, intonation, laughter, etc. we shall have to be content with journalistic sketches of the 'tone' of behaviour".

SABEMOS COMO DOIS amigos russos se saúdam ou expressam reconhecimento mútuo: eles se beijam nos lábios. Diante desse comportamento, pode-se imaginar como um brasileiro reagiria interiormente: “O que é isto, camarada?” Devemos, no entanto, considerar uma situação paralela, embora inversa: a de dois amigos cariocas, observados pelos mesmos amigos russos. Amigos brasileiros também sabem se saudar e expressar reconhecimento mútuo. Como? Eles se aproximam um do outro e, quase aos berros, começam a se dar tapas tonitruantes nas costas. Os russos, ao presenciar tal cena, pensariam, decerto, que um dos dois não resistiria a tais impactos. Eis o que é o *ethos*: um comportamento estandardizado, culturalmente estereotipado, que pode explicar, ainda, por que um brasileiro se dá conta de que não é um argentino na maneira de se conduzir, emocional e afetivamente. O *ethos*⁷³ de que fala Bateson remete, dessa maneira, a modos diferenciados e estereotipados, a maneiras social e culturalmente definidas de se comportar. Representa um sistema codificado dos instintos e das emoções presentes nas condutas e nos comportamentos de pessoas que vivem numa determinada sociedade. O *ethos* de uma cultura é a sua *grife*.

Balinese character representa, assim, a tentativa de explorar, verbal e visualmente, o modo como uma criança nascida em Bali se torna uma criança balinesa. Através de que comportamentos sociais adquiridos durante sua infância, através de que condutas ensinadas pelo seu meio cultural, distinguir-se-á, para sempre, de uma criança nascida, por exemplo, em Manaus, antípoda da pequena ilha vulcânica de Bali? Em outros termos: qual é o “caráter”, o “estilo” de ser e de viver dos nativos desse pedaço de terra de uns 5 mil quilômetros quadrados, situado no oceano Índico, mais conhecido hoje por pertencer à Indonésia? Uma grande idéia e um duplo desafio: conjugar texto e imagem.

DESCOBRIR *BALINESE CHARACTER*

UM LIVRO MÍTICO

BALINESE CHARACTER. A PHOTOGRAPHIC ANALYSIS,⁷⁴ de Gregory Bateson e Margaret Mead, é, sem dúvida alguma, uma obra mítica. Melhor dizendo, representa um extraordinário empreendimento antropológico e editorial, que começou a se tornar “mítico” no final da década de 1960, quando John Collier Jr. (1913-1992),⁷⁵ integrante, desde 1941, da Farm Security Administration (FSA), publicou, nos Estados Unidos, o seu *Visual anthropology: photography as a research method* (1967).⁷⁶ Uma “nova” disciplina, a chamada “antropologia visual”, havia nascido, e seus novos proponentes precisavam de pais fundadores. A escolha recaiu sobre *Balinese character*, que o próprio Collier, na época, qualificava nos seguintes termos: “Gregory Bateson e Margaret Mead fizeram a primeira e exaustiva pesquisa, nunca superada até o presente, de uma outra cultura, cujos resultados foram publicados no *Balinese character* (1942)”.⁷⁷

*

O livro sai em Nova Iorque em dezembro de 1942, em plena Segunda Guerra Mundial. Os Estados Unidos acabam de vivenciar a humilhante destruição de sua frota em Pearl Harbour (7 de dezembro de 1941). A pesquisa sobre o *ethos* balinês chega, desse modo, quase que despercebida e não merece muita atenção nem por parte dos antropólogos. As poucas resenhas que dela foram feitas tanto louvam a extraordinária beleza do trabalho como levantam problemas metodológicos e, sobretudo, questionamentos com relação ao uso da fotografia em face da palavra, sendo a última o

[...] instrumento fundamental da ciência social, que não poderá ser reduzido ao papel de uma empregada da imagem, a não ser com danos. Num tempo e numa cultura em que a tendência é inevitavelmente a de “se distanciar da palavra escrita”, essa nova técnica é extremamente moderna. Há de se perguntar, todavia, se representa efetivamente um avanço.⁷⁸

74 Bateson, Gregory e Mead, Margaret. *Balinese character. A photographic analysis*, New York (Special Publications of the New York Academy of Sciences, vol. II), 1942, reimpresso em 1962 e em 1985. Devemos mencionar dois estudos importantes consagrados à apresentação e à discussão de *Balinese character*: Jacknis, Ira. “Margaret Mead and Gregory Bateson in Bali: their use of photography and film”, in *Cultural Anthropology*, vol. 3, n° 4, maio de 1988, pp. 160-177 e o número especial de *Yearbook of Visual Anthropology – 1942-1992: fifty years after “Balinese character”* (Ed. Paolo Chiozzi), Firenze, Angelo Pontecorboli Editore, vol. 1, 1993, com as contribuições de T. De Bromhead, H. Larson, R. Kohn, A. e M. Jablonko, P. Ciozzi, M. Canevacci, R. Chalfen, V. Lattanzi. Esperava-se muito da recente publicação de Sullivan, Gerald. *Margaret Mead, Gregory Bateson and highland Bali. Fieldwork photographs of Bayung Gedé, 1936-1939*, Chicago, London, The University of Chicago Press, 1999. As duzentas fotografias inéditas (de Mead e Bateson), comentadas (pp. 41-188), oferecem, efetivamente, um rico complemento ao *Balinese character*; a “Introdução” de Sullivan (pp. 1-40), no entanto, decepciona muito. Devemos, enfim, mencionar a necessária (mas nem sempre elegante) crítica ao *Balinese character* feita por Jensen, Gordon D. e Suryani, Luh Ketut. *The Balinese people. A reinvestigation of character*. Oxford, Oxford University Press, 1992.

75 Ver o interessante artigo de Snyder, Robert E. “John Collier Jr. visual anthropologist”, in *History of Photography*, vol. 19, n° 1, 1995, pp. 32-45.

76 Collier Jr., John. *Visual anthropology: photography as a research method*, New York, Holt Rinehart and Winston, 1967. Uma nova edição, revista e consideravelmente ampliada, foi publicada por John Collier Jr. e Malcolm Collier, em 1986, com o mesmo título, pela University of New Mexico Press. Lembramos que a primeira edição mereceu, logo após sua publicação, uma tradução para a língua portuguesa: *Antropologia visual: fotografia como método de pesquisa*, São Paulo, EPU, Edusp, 1973.

77 Collier Jr., John. *Antropologia visual*, p. 8.

78 Da resenha de Erwin H. Ackernecht, in *Bulletin of the History of Medicine*,

73 Foi o próprio Bateson quem, em 1936, na sua monografia dedicada a um ritual dos latmul da Nova Guiné, cunhou o conceito de *ethos*. Logo no começo de seu *Naven* (p. 2, nota 1), referindo-se ao *Oxford English dictionary*, Bateson escreve: *ethos* traduz “o espírito característico, a tonalidade geral de um povo ou de uma comunidade; o ‘gênio’ de uma instituição ou de um sistema”. No tocante ao mesmo vocábulo, é interessante consultar outro famoso dicionário, o de Liddell, H. G. e Scott, R. (*A Greek-English lexicon*, Oxford, Clarendon Press, 9ª ed. 1940). Para os autores, a noção de *ethos*, no sentido de *custom, habit*, remete à literatura grega clássica. O termo encontra-se pela primeira vez num verso do teatro trágico de Aeschylus (*Agamemnon*, 728) (VI/V séculos antes de Cristo) e duas outras vezes nos escritos filosóficos de Platão (*Cratylus* 435ª e *Politicus* 295ª). Se o historiador Tucídides (2,64) (V século antes de Cristo) usa a palavra numa perspectiva interessante do ponto de vista antropológico (*en ethei tē polei einai: to be the habit in the town*), Aristóteles, melhor ainda, remete-nos a uma acepção da palavra próxima daquela que Bateson utilizará. Na sua *Ethica Nicomachea* 1179b 21, Aristóteles opõe *ethei = by habit, habitually*, à palavra *phusei = by nature* e, em 1154a 33, estabelece outro contraste, desta vez entre *di'ethos = from habit* e *ek genethēs = from birth*.

A dimensão mítica (fundadora da antropologia visual) outorgada ao *Balinese character* deveria, contudo, surpreender-nos e levar-nos a um questionamento. Teria sido possível imaginar que a “antropologia visual” e seus novos adeptos, nos anos de 1960 (melhor ainda, na década de 80), se tivessem voltado para aquele tempo, quando, engatinhando, tanto a antropologia quanto a fotografia nasciam juntas? Parece-nos muito duvidoso.

A antropologia tinha perdido, com efeito, mais de meio século (1850-1910) ao tentar mapear fotograficamente o mundo das “raças”, dos “tipos” humanos, das “características” da “espécie humana”. A antropologia física (ou o estudo de crânios, braços, pés, mamas, órgãos genitais externos e, na medida do possível, o corpo inteiro “esculpido” [outro “negativo”] no gesso) e a antropometria eram becos sem grandes saídas: vulgarmente falando, verdadeiros desastres “peliculares”. Uma outra antropologia havia de nascer: a antropologia cultural.

Esse redirecionamento das ciências do homem, por sua vez, iria obedecer a propostas *teóricas* cada vez mais sofisticadas e *abstratas*, as quais dispensavam paulatinamente o uso dos recursos imagéticos no campo das representações antropológicas, instaurando a ordem sagrada da preeminência do ato de “escrever”. Do evolucionismo ao difusionismo, tinha-se passado, no começo do século, ao funcionalismo de Malinowski e, nos idos dos anos 40, emergiam, com as obras clássicas de Radcliffe-Brown e de E. Evans-Pritchard, os delineamentos de uma antropologia estrutural que culminaria nos monumentos de rigor lógico cinzelados por Claude Lévi-Strauss. Em outras palavras: se Malinowski se perguntava ainda como uma sociedade “funciona” e fundamentava essa funcionalidade sobre a observação de dados visíveis, concretos e palpáveis, Lévi-Strauss procurava demonstrar que “a terra dos mitos é redonda” e que a diversidade dos sistemas de parentesco das sociedades humanas podia resumir-se a algumas “estruturas elementares”.

Malinowski, desse modo, fez muitas fotografias, que, efetivamente, desempenham um papel fundamental nas três grandes monografias que dedicou aos nativos das ilhas Trobriand;⁷⁹ Lévi-Strauss fez muitas fotografias, também, que praticamente não aparecem na sua obra e somente dará a conhecer no anoitecer de sua vida.⁸⁰

*

Na época da publicação de *Balinese character*, não se discutiam, é verdade, as questões epistemológicas e heurísticas que os diversos suportes comunicacionais (a fala, a escrita, a visualidade) podiam explorar conjuntamente, respeitando os termos de suas singularidades e de suas complementaridades enunciativas e representativas. Mais de cinquenta anos se passaram. *Balinese character* andava à frente de seu tempo e, por essa razão, tornou-se mítico. Ocorre que todo mito questiona a realidade. Ocorre, também, que dificilmente a realidade parece acreditar ainda nos mitos que, no entanto, fabrica, por necessidade.

Essa questão das relações – tanto singulares quanto complementares – existentes entre o texto e a imagem na elaboração interpretativa do “discurso antropológico” terá sido e permanecerá uma das interrogações *comunicacionais* mais importantes no campo das ciências sociais, no decorrer desses últimos cinquenta anos. No momento, portanto, está ainda longe de ser verdadeiramente resolvida, pois outra questão, mais imperiosa, pensamos, colocasse. Ante a proliferação, sedução e requinte de outros suportes imagéticos que a sociedade pós-moderna, no alvorecer de um outro século, vem nos oferecendo (além das fundadoras máquinas de imagens: fotografia, cinema, vídeo), será que os antropólogos, antes da próxima década, se darão conta de que os homens, as sociedades e as culturas que continuam pretendendo estudar *são regidos* por novos suportes comunicacionais? Suportes esses que não lhes permitirão mais “sacralizar”, unicamente e com tanta cegueira, as virtudes – no entanto inconfundíveis – da escrita, se quiserem (ainda) se aproximar das comunidades humanas socialmente *organizadas a partir desses outros meios e parâmetros comunicacionais* e tentar entendê-las.

*

Mítico, *Balinese character* o era, ainda, por causa de seus autores – dois gigantes da antropologia e da comunicação –, que nos deixaram um inconfundível legado de generosidade humana e de visão acadêmica. Margaret Mead morreu em 1978; Gregory Bateson, dois anos depois, ambos de câncer. A primeira, na revolta; o segundo,

vol. XIII, nº 5, maio de 1943, pp. 691-693. Remetemos a duas outras resenhas (de Lois Barclay Murphy/Gardner Murphy e de Bruno Lasker), respectivamente publicadas em *American Anthropologist*, N. S., 45, 1943, pp. 615-619 e em *The Institute of Pacific Relations*, vol. XVI, dezembro de 1943, pp. 501-502.

79 Ver: Samain, Etienne. “Bronislaw Malinowski e a fotografia antropológica”, in *Pluralismo, espaço social e pesquisa* (org. Elisa Reis, Maria Hermínia T. de Almeida, Peter Fry), São Paulo, Anpocs, Hucitec, 1995, pp. 291-325.

80 Lembrar-se-á: Lévi-Strauss, Claude. *Saudades do Brasil e Saudades de São Paulo*, São Paulo, Companhia das Letras, respectivamente publicados em 1994 e 1996.

respirando, na atmosfera calma de um centro zen, dispensando os tubos de oxigênio. Mead e Bateson tinham gênios diferentes e complementares. Sem entrar na intimidade de duas personalidades incomuns, podemos, pelo menos, entender o que suas complementaridades intelectuais podiam significar e representar. Ray Birdwhistell, de longa data amigo dos Bateson, havia dito, num dia de 1951, a Mary Catherine Bateson: “Sua mãe tem um espírito masculino e o seu pai, um espírito muito feminino”. A própria Mary Catherine comenta: “Isso aconteceu há muitos anos, e eu me lembro que, na época, acreditava que Birdwhistell insultara o meu pai e dirigira um elogio à minha mãe, o que me deixou com raiva. Birdwhistell declarou-me, também: ‘Sua mãe lança idéias em todas as direções, como se ejaculasse; seu pai choca um enorme ovo’”.⁸¹

A ORGANIZAÇÃO GERAL DA OBRA

BALINESE CHARACTER É UMA obra altamente elaborada, minuciosamente planejada e construída. O fato não deve deixar-nos admirados, sabendo que seus autores tinham a complexa tarefa de organizar e de concatenar, no duplo registro do verbal e do visual, de maneira sistemática, os resultados de uma pesquisa de campo que se estendeu por quase três anos (março de 1936 a fevereiro de 1939) na região montanhosa da ilha vulcânica, principalmente numa aldeia de uns quinhentos habitantes, chamada Bajoeng Gede.

O material etnográfico recolhido em Bali é efetivamente imenso: mais de 25 mil clichês fotográficos Leica realizados e revelados por Gregory Bateson no local, outros sete quilômetros de película 16 mm e, conjuntamente, a montanha de cadernos de campo nos quais Margaret Mead – com a colaboração de I Made Kaler, o principal e fundamental secretário balinês do casal de pesquisadores – consignava, com minúcia e requinte de detalhes, o contexto de produção e de realização dessas tomadas. Deve-se acrescentar a esses registros visuais e a essas anotações uma outra fonte pictórica que entrará na feitura da obra: as 1.288 imagens pintadas por jovens artistas de Bali (835 delas provenientes da aldeia de Batoean, distante duas horas de carro de Bajoeng Gede, onde Margaret Mead e Bateson tinham uma residência secundária e mantinham um clube de desenhistas) e outras centenas de “títeres sagrados”, pinturas que, em Bali, animam os famosos espetáculos de sombras e de luzes.

Diante de um material tão amplo – de incomum e extraordinária riqueza –, impunham-se escolhas necessárias. Havia de se traçar notadamente os contornos e as vertentes de um livro que evocaria, pela primeira vez na história da antropologia visual, numa constante interação entre registros verbais e registros visuais (concebidos como verdadeiras fontes de pesquisa e não apenas como meras e possíveis ilustrações), os modos e os processos de socialização por meio dos quais uma criança nascida em Bali incorporava a cultura de seu povo e se tornava um autêntico balinês.

Essas escolhas, Bateson e Mead definiram-nas logo depois da volta dos Estados Unidos, com a participação crítica de psiquiatras, educadores e sociólogos. Elaboraram, primeiro, uma lista de categorias, que serviu, depois, para escolher as fotografias e organizá-las em pranchas temáticas. Em seguida, e após os 25 mil clichês fotográficos terem sido impressos em faixas de filme positivo (como diapositivos), eles projetaram, um por um, todo esse material, criando um fichário (por categoria) das fotografias que pareciam merecer considerações posteriores e possível inclusão no corpo do livro. Através desse processo, os autores chegaram a escolher 6 mil fotogramas, depois resselecionaram 4 mil, que, na seqüência cronológica de produção, ampliaram sob a forma de fotografias. Desse conjunto, Bateson e Mead elegeram finalmente 759 imagens, que iriam compor as exatas cem pranchas de *Balinese character*, agrupadas em torno das dez temáticas principais do livro: “Pais e filhos”, “Irmãos e irmãs”, “Estágios do desenvolvimento da criança”, “Ritos de passagem” etc.

Existe, dessa maneira, um enorme trabalho *seletivo* na base da elaboração de *Balinese character*. Pelo menos esse trabalho “laboratorial” fica claramente definido e reconhecido, no caso, pelos autores. O fato merece nossa atenção na medida em que revela o que acontece com todo e qualquer trabalho antropológico, mas que muitos antropólogos pensam – em nome de uma maior “dignidade” ou “autoridade” da *escrita* – não ter que desvendar, menos ainda comentar. Trata-se, no entanto, de um outro trabalho seletivo e laboratorial, que, partindo de *observações* de campo e de *anotações* consignadas nos cadernos e/ou diários de campo, desemboca, de repente e sem se saber necessariamente os porquês, numa *reconstrução interpretativa* e num *discurso* antropológico elaborado, de preferência, longe dos nativos estudados, no conforto de um escritório, pensando, aliás, em outros pares (de antropólogos), capazes de discutir

⁸¹ Bateson, Mary Catherine. “Comment a germé *Angels fear*”, in *Bateson: premier état d'un héritage. Colloque de cerisy* (sob a direção de Yves Winkin), Paris, Seuil, 1988, p. 26.

o assunto. A fotografia, na antropologia, tem pelo menos esta distinção ou fraqueza ímpar: a de nos mostrar o que o fotógrafo viu ou quis ver num dado momento. E se é verdade que o antropólogo/fotógrafo pode, ele também, na construção de seu discurso imagético, eleger ou esconder algumas de suas fotografias, resta que as fotografias apresentadas nunca poderão revelar outra coisa a não ser o que elas, efetivamente, registraram.

É tempo de voltar ao *Balinese character* para ver como, em grandes linhas, o livro foi estruturado. Esse forte volume encadernado, de 278 páginas, formato grande (23 x 31 cm), abre-se com um conjunto de sessenta páginas de *textos*. Primeiro vêm os “Agradecimentos”, evidentemente, mas não quaisquer agradecimentos, para quem procurar outras fontes e pistas de compreensão e análise da obra. Depois uma “Introdução” de seis páginas, em que os autores definem os objetivos do livro, a metodologia que presidiu o seu empreendimento, e na qual, ainda, se pode perceber a necessidade tanto de justificar como de fazer reconhecer, junto à comunidade acadêmica, algo de efetivamente inovador em termos antropológicos. A primeira frase dessa “Introdução” não poderia ser mais clara: “A forma de apresentação utilizada nesta monografia é uma inovação experimental”. Experimentação inovadora, mas que não pretendia, contudo, romper com a tradição antropológica. Tal determinação conduz Margaret Mead a assinar, logo depois, outras 48 páginas de *textos*, que procurarão contextualizar, desta vez, a centena de pranchas fotográficas organizadas em torno das dez temáticas escolhidas. Na realidade, essa muito comprida “nota” sobre *Balinese character* representa mais que a tarefa (necessária) de situar o leitor em face do que haverá de descobrir e de percorrer verbal e visualmente. Revela o que sempre defenderá Margaret Mead: prudência tanto quanto confiança diante do poder sígnico (e significativo) da fotografia no campo das ciências humanas. Em outras palavras, essas 48 páginas *escritas* respondem a um duplo imperativo: a defesa, de um lado, de uma prerrogativa fotográfica na sua capacidade de evocar algo que o texto não sabe e nunca conseguirá expressar e, de outro, a necessidade de confessar que, na ausência de um comentário preciso, a “leitura” futura das pranchas fotográficas permanecerá frágil ou, pelo menos, problemática.

Fechando essas sessenta primeiras páginas, outras seis (assinadas por Gregory Bateson) oferecem informações importantes no que diz respeito à tomada das fotografias, à sua seleção, bem como outras anotações técnicas, muito relevantes para quem quiser fazer antropologia

visual. O livro termina com outras vinte páginas *escritas* (“Uma nota etnográfica sobre Bali”, uma “Bibliografia” e um “Glossário”).

Entre esses dois conjuntos de *textos*, duzentas páginas são reservadas ao foco da pesquisa: a “Análise fotográfica” propriamente dita do *ethos* balinês. São cem pranchas, organizadas em torno de dez eixos temáticos, cada prancha ocupando uma página dupla (uma composta por *fotografias* e, frente a frente, uma outra, oferecendo um *comentário* preciso e minucioso sobre elas).

É a partir de um estudo de três dessas pranchas que proponho, agora, duas considerações que julgo importantes do ponto de vista metodológico. A primeira diz respeito aos *modelos de apresentação das fotografias* utilizados por Mead e Bateson. A segunda encara mais especificamente *as relações entre o verbal e o visual* no quadro da dupla prancha.

DOIS MODELOS (ENTRE MUITOS OUTROS) DE APRESENTAÇÃO DAS PRANCHAS FOTOGRÁFICAS

QUANDO NOS DEBRUÇAMOS atentamente sobre cada uma das cem pranchas fotográficas de *Balinese character*, descobrimos que seus autores recorreram a dezenas de modelos de apresentação de suas fotografias. Esse quebra-cabeça da *organização imagética* de *Balinese character* mereceria uma análise aprofundada, que apenas poderei esboçar no espaço desta introdução.

Ao falar de *modelos de apresentação*, refiro-me, primeiro, à *disposição* das fotografias no espaço de uma mesma prancha, o que se poderia chamar, também, de circuito visual de *leitura* dessas fotografias: ora leitura *horizontal e linear* das fotografias, como quando se lê um texto; ora leitura *vertical*, de cima para baixo e da esquerda para a direita, como quando se procura decifrar o conteúdo de duas colunas de um texto; ora, ainda, leitura *paralela e de justaposição*, quando, por exemplo, apresentam-se, do lado esquerdo da prancha fotográfica (e verticalmente), os doadores (masculinos e femininos) de um ritual e, do lado direito da mesma prancha, os tipos de comida que cada grupo prepara e oferece ao outro grupo; ora, enfim, leitura *diagonal e transversal*, quando, no espaço de uma mesma prancha, procura-se focalizar, através de fotografias realizadas em momentos e contextos diferentes, dados (posturas, por exemplo) capazes de despertar, de catalisar e de

conduzir o leitor/observador à descoberta de uma dimensão, nova e possível, do *ethos* balinês.

Ao falar de *modelos de apresentação*, refiro-me, também, ao número de fotografias inseridas numa mesma prancha (número que, no caso de *Balinese character*, varia de seis a treze), ao *formato* das fotografias (de tamanho maior, menor ou médio) e à eventual *manipulação* dos documentos apresentados (nesse caso, as fotografias são geralmente inteiras e não retocadas, mas, às vezes, foram recortadas para evidenciar melhor um elemento típico do *ethos*; raramente, são resultado de encenação).

Existem, assim, centenas de configurações no ordenamento das fotografias de *Balinese character*, uma obra paradigmática tanto quanto modelar.

Ao falar de *modelos de apresentação*, refiro-me, enfim e sobretudo, aos *componentes* fotográficos reunidos na prancha, isto é, a essa combinação de elementos sógnicos capazes de despertar, de sugerir ou de revelar este ou aquele traço do *ethos* balinês.

É tempo de focalizar, com atenção, dois desses modelos: um que chamaria de modelo *seqüencial*, outro que qualificaria de modelo *estrutural*.

Modelo seqüencial

Exemplo de modelo seqüencial, a magnífica Prancha 16 de *Balinese character* (p. 86), cujas fotografias foram realizadas em Tabanan, região oeste da ilha de Bali, em dezembro de 1936, é uma seqüência composta por oito fotografias, que se deve ler de cima para baixo, da esquerda para a direita.

Nesse modelo seqüencial, nosso olhar desliza, de maneira quase cinematográfica, *no tempo e no espaço* das oito fotografias. Nosso olhar “dança”, por assim dizer, de fotograma para fotograma, recolhendo no fio desse percurso ou dessa travessia um conjunto de informações sógnicas que deveria nos levar a uma mensagem. Entretanto, qual seria a mensagem ou quais seriam as mensagens possíveis? De maneira proposital, não apresento ao leitor o longo comentário que acompanha (na página que lhe faz face) essa seqüência fotográfica, o qual Bateson redigiu com base nas anotações de Mead. O que vemos? O que essa prancha fotográfica nos mostra ou, pelo menos, procura nos sugerir em relação ao *ethos* balinês?



82 "Manipular": "preparar com a mão; imprimir forma a (alguma coisa) com a mão" (Hollanda, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*, São Paulo, Nova Fronteira, 1986, p. 1.081).

Vemos, na primeira fotografia, um jovem aluno exercendo a arte da dança, observado por Mário (no fundo, à direita), na época grande mestre dessa arte em Bali. Mário observa o aluno, antes de aproximar-se dele e ensinar-lhe os movimentos corretos. Pode-se efetivamente notar que, ao longo da seqüência, o mestre toca e manipula,⁸² no sentido pleno da palavra, o corpo de seu aluno, que, fora as mãos e a cabeça, não chega a se "desarticular" suficientemente. Será que, ante esse conjunto de fotografias, podemos ir muito além?

É claro que Bateson pretende nos fazer descobrir algo de mais preciso e de mais significativo no tocante ao *ethos* balinês. Para ele, as oito fotografias deveriam nos fazer sentir e experimentar como se efetivássemos a *aprendizagem* em Bali, onde a aquisição de conhecimentos se realiza, não recorrendo a palavras ou a ordens, e sim com base numa "mostra" (demonstração) e a partir de uma constante repetição dos gestos musculares. "Nessa seqüência", dirá Bateson, "pode-se ver como são ensinados dois traços essenciais do caráter balinês: por ocasião da lição de dança, o aluno aprende, por um lado, a passividade, e toma consciência, por outro, de cada uma das partes de seu corpo enquanto entidades dissociáveis".

Sem o texto que acompanha a seqüência fotográfica, teria sido difícil chegar a considerações tão precisas. Por outro lado, sem as fotografias, teria sido mais difícil ainda poder minimamente imaginar o que significava "aprender" e "ensinar" em Bali.

Modelo estrutural

Bom exemplo de modelo estrutural é a enigmática Prancha 10 de *Balinese character* (p. 74), cujas seis figuras (fotografias e pinturas) foram produzidas em lugares e momentos diferentes e reunidas pelos autores para exemplificar uma outra dimensão do *ethos* balinês. Novamente, não ofereço ao leitor a página do comentário que acompanha a prancha, convidando-o a percorrer, primeiro, essas figuras justapostas, numa evidente desordem visual.

Nessa prancha, chamo a atenção para o fato de que nosso olhar se encontra numa situação muito diferente da precedente (Prancha 16). Não podemos mais deslizar o olhar no tempo e no espaço das fotografias, como com Mário e seu aluno. O tempo e o espaço, aqui, são, por assim dizer, neutralizados pela diversidade das imagens. Diria mais: num primeiro momento, nosso olhar, quase que assustado,



1



2



3



4



5



6

Página seguinte: Prancha 10 (*Balinese character*, p. 74).

procura entender a presença conjunta de elementos tão heteróclitos (duas figuras humanas, uma montanha, dois desenhos, uma dançarina sendo transportada). O que acontece, no entanto, é que, diante desse enigma visual, buscamos uma solução, uma saída, um sentido. Para tanto, tentamos, um pouco ao acaso da vertigem de nossos próprios olhos, mergulhar em cada uma das seis figuras, procurando descobrir, através de sua diversidade figurativa, o que elas poderiam ter *em comum*, ou, melhor dizendo, buscamos desvendar uma *estrutura* ou um elemento catalisador capaz de *religá-las*. Um outro estado do olhar, um outro percurso heurístico, um outro movimento do pensamento visual.

O que poderia vir a ser essa estrutura? Bateson coloca, lado a lado, um homem olhando para um avião (Foto 1), o vulcão Goenoeng Agoeng, uma das montanhas sagradas de Bali, morada dos deuses (Foto 2), uma dançarina em transe, em pé sobre os ombros de um homem (Foto 3), a pintura de uma outra dançarina sendo carregada (isto é, em posição elevada), fato que vem reforçar o uso dos guarda-sóis (Foto 4), a postura de um servidor, esperando pela entrada de seu príncipe, num drama balinês (Foto 5), a representação de um sonho de cremação em que o artista (de uma casta inferior aos membros da família do defunto brâmane) se identificou na parte de baixo da pintura (Foto 6).

Essa primeira identificação das figuras (obtida, é bom lembrar, pelos comentários escritos de Bateson), sem dúvida, tranquiliza-nos um pouco. Porém não discernimos ainda a mensagem que Bateson quer nos passar visualmente, agrupando, numa mesma prancha, dados figurativos da vida balinesa, difusos tanto quanto diversos. As figuras nos falam, mas nos falam de que, em termos do *ethos* balinês? Para obter a solução, temos de voltar necessariamente ao *texto* que acompanha essa prancha e que, de propósito, não apresentei.

Esse texto tem como título geral “Elevação e respeito I” (e essa é a primeira de uma série de cinco pranchas consagradas ao mesmo assunto). Eis a mensagem, o elo e a idéia que, agora, poderiam tornar inteligíveis as seis figuras. Bateson e Mead querem nos mostrar através dessa prancha (e das demais que se seguem) a importância dada à *hierarquia* dentro do sistema cultural balinês e, sobretudo, como esse comportamento culturalmente estandardizado recorta e perpassa situações muito variadas do convívio balinês. Será que conseguiram? Até certo ponto, pois, mais uma vez, os

comentários *escritos* não teriam conseguido expressar claramente o que as seis *figuras*, por sua vez, não revelam sozinhas. Entre a escrita e a visualidade existem laços de cumplicidade necessários. Uma e outra, à sua maneira e com a sua singularidade (ora enunciativa, ora ilustrativa, ora despertadora), complementam-se. A escrita indica e define o que a imagem é incapaz de mostrar. A fotografia mostra o que a escrita não pode enunciar claramente.

UMA CURTA PAUSA

O DUPLO EXPERIMENTO realizado até aqui tinha suas razões – insistir na questão do “estado do olhar” e na maneira diversificada com que um mesmo olhar (o meu, o seu) pode ser engajado em direções diferentes e em operações cognitivas plurais, segundo o fato de que a *apresentação* das fotografias obedece a uma *ordem* x, y, ou z. Não olhamos para a seqüência da prancha de Mário e seu aluno como o fizemos para procurar entender a mensagem contida na prancha “Elevação e respeito”. Em ambos os casos, nosso olhar não somente teve de se movimentar, fisicamente, de maneira diferente como também foi submetido a uma operacionalização cognitiva muito singular. Insisto nesse fato na medida em que poderia lançar luz sobre a questão complexa do funcionamento e das funcionalidades do pensamento visual (ou, melhor dizendo, do pensamento *sensorial*). *Balinese character*, em razão da diversidade dos modelos de apresentação visual que oferece, representa um campo particularmente fecundo e concreto para prosseguir tais investigações.

Outro motivo desse duplo experimento: para um antropólogo, é interessante descobrir quais seriam, no campo específico de seu trabalho, as virtudes da escrita que a visualidade fotográfica não tem e, também, as potencialidades singulares da fotografia, que esta não soube ainda alcançar ou desenvolver suficientemente. O que viria a definir e esclarecer sua necessária complementaridade?

Para ampliar o quadro desses questionamentos, proponho um terceiro experimento. Ele deverá nos conduzir a uma confrontação entre registro verbal e registro visual. Invertendo, todavia, a direção dos experimentos anteriores, partiremos, dessa vez, do *comentário completo* que Bateson dedica à famosa Prancha 47, intitulada “Estimulação e frustração” (p. 149), para somente depois dar a ver a prancha e suas

nove fotografias. Nesse confronto entre registro verbal e registro visual, poderemos medir melhor os riscos tanto do texto quanto da imagem, na sua mútua pretensão enunciativa.

OS RISCOS DO TEXTO E DA IMAGEM (PRANCHA 47)

MEAD E BATESON DÃO à Prancha 47 de *Balinese character* uma grande importância. Ela evocaria e apontaria, segundo eles, uma dimensão central e determinante do *ethos* balinês: “Estimulação e frustração”. Eis, na íntegra, o comentário da prancha (A), que, logo depois, analisaremos (B), antes de passar à visualização das fotografias que o acompanham (C).

A. “Estimulação e frustração”: o comentário de Mead e Bateson

Prancha 47 ESTIMULAÇÃO E FRUSTRAÇÃO

Em Bali, as emoções da criança são controladas pela mãe. Na prática, isso significa que o estímulo e a reação ao ‘dando-dando’ não assumem a curva ascendente que existe no caso do amor e do ódio, em nossa cultura. A mãe balinesa estimula seu filho, mas, quando ele responde emocionalmente, ela se torna insensível e nunca deixa que a troca se encerre de modo afetivo.

1 a 9 – Registro de cerca de dois minutos de comportamento interpessoal entre uma mãe e seu filho:

“12:20. Men Goenoeng (a mãe) pede a I Raoeh (seu filho) para vir a ela. Ele chega e põe a mão no peito da mãe, no pênis e no joelho, e começa a choramingar.”

“Men Goenoeng esfrega a cabeça contra ele (fotos 1 e 2).”

“Men Goenoeng instala I Raoeh sobre seus joelhos e I Raoeh brinca com os seios dela (foto 3).”

“I Raoeh mama (foto 4) e toca o outro seio (fotos 5 e 6).”

“Men Goenoeng bate nas costas dele de modo ritmado e I Raoeh puxa o seio direito para o centro do corpo, virando-o. Men Goenoeng esboça com os dedos um motivo no lado de seu pé (fotos 7 e 8).”

“I Raoeh segura firme o seio livre.”

“12:22. I Raoeh olha ao redor, sempre com a mão sobre o seio da mãe (foto 9).”

Nesta série, o gesto da mãe captado nas *fotos 1 e 2* responde ao choramingar da criança; mas quando, por sua vez, ele manifesta a sua emoção, a atenção da mãe está em outro lugar. Logo depois de seus avanços, o rosto da mãe se torna totalmente inexpressivo (*foto 3*); em seguida, ela ri de outra coisa (*foto 4*). É provável que “a carícia ritmada nas costas da criança” de que falam as notas seja feita sem prestar a menor atenção na criança. A *foto 7* mostra a mãe esboçando com a mão uma carícia na cabeça da criança, enquanto olha o ar, rindo de algo completamente diferente. No final da série, ambos parecem aborrecer-se (*foto 9*).

Men Goenoeng e seu filho I Raoeh, com 580 dias de idade.

Bajoeng Gede. 19 de agosto de 1937. 14 G 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 33 e a última.

B. Análise do comentário da Prancha 47

Estamos, dessa vez, ante um *texto*, mas não um qualquer: um *comentário* que, para Mead e Bateson, acompanha *necessariamente* uma seqüência de *fotografias*, ambos com a pretensão de dar ao leitor uma “idéia” e uma “visão” desta dimensão central do *ethos* balinês: o recalque das emoções. Vejamos mais de perto os componentes desse comentário escrito.

- Primeiro, um *título*, “Estimulação e frustração”, isto é, um *resumo*, uma síntese da *idéia* que se quer desenvolver e passar. “Resumir”, “sintetizar” representa uma operação lógica que a escrita torna possível de maneira relativamente econômica: basta abstrair, condensar e unir duas ou três palavras-chave. Não é, decerto, o caso da fotografia, que, por natureza, é dispersiva, mesmo quando oferece seus *closes*. A fotografia – diria – nos conduz a qualquer lugar e, muitas vezes, a lugar nenhum. Ela é polissêmica por vocação. A escrita também, mas num grau infinitamente menor.

- Em seguida, encontramos um *comentário*, preciso e denso, de quatro *linhas*. Melhor seria falar de um *ideário* ou, pelo menos, de uma *ideação*,⁸³ já que os autores partem de uma *afirmação* (“Em Bali, as emoções da criança são controladas pela mãe”), logo seguida de uma *comparação conclusiva* (“Na prática, isso significa que o estímulo e a reação ao ‘dando-dando’ não assumem a curva ascendente que existe no caso do amor e do ódio, em nossa cultura [americana ou européia]”). Um comentário que, na sua pretensão de *contextualização*, define, na verdade, um único horizonte de *interpretação* e de *significação*.

- De fato, esse comentário poderia ser de um antropólogo que, tendo vivido no meio dos nativos de Bali, iniciaria sua monografia, seu discurso científico escrito, dizendo: “Em Bali, diferentemente do que acontece em outras culturas, as relações entre mãe e filho são vividas sob o signo conflituoso de uma estimulação logo reprimida...” Lendo esse texto, no quadro de uma monografia clássica (isto é, que somente dá plena confiança à *escrita*), teríamos, talvez (pois não é tão certo!), uma “idéia” desta dimensão do *ethos* balinês: a mãe estimula o filho para um convívio afetivo e, na hora H, ela rejeita sua aproximação, varre de indiferença seu apelo e necessidade de ternura. Teríamos essa “idéia”. Uma “idéia” geral, não uma realidade *palpável*. Diríamos: afinal das contas, o que representa e significa concretamente essa tal de “estimulação/frustração” de

⁸³ *Ideação* no sentido de “formação da idéia” e de “encadeamento das idéias”.

que falam nossos autores? Como isso se traduz e se expressa na realidade, na concretude do convívio humano? A ausência de material visual nos deixaria perplexos e, certamente, frustrados. Posto isso, há de se convir que, no caso em pauta, o texto, além de nos *induzir* a uma leitura das nove fotografias (que logo veremos), *convoca-as* como as indispensáveis testemunhas da *idéia* que se quer concretizar. Ou seja, de repente, o texto perde um pouco de sua arrogância, sente-se frágil e um tanto nu. Abusando da metáfora, diria que o *texto*, ao descobrir sua própria nudez, começa a render-se e a *imaginar* o que a fotografia lhe daria *para ver e para pensar*.

• Encontramos, com efeito, logo depois, um novo e *último* comentário *descritivo, muito matizado, de cada uma* das fotografias (comentário que reúne as notas taquigráficas que Mead redigia na companhia do secretário, I Made Kaler, quando Bateson manipulava suas câmeras, fotografava e/ou filmava): “Registro de cerca de dois minutos de comportamento interpessoal entre uma mãe e seu filho...” Na *ausência das fotografias*, esses comentários, claro, não teriam quase função nenhuma a não ser a de perseguir e provocar o imaginário de um antropólogo/cineasta. A situação, portanto, não se inverteu por completo, na medida em que, se é a imagem que, agora, requeremos prioritariamente, o texto/comentário permanece muito presente. Este não abdicou ainda de suas prerrogativas múltiplas: a de guiar, fazer entender, conduzir e induzir.

Quanto a Bateson, ele pode, enfim, nos dar a ver sua seqüência fotográfica.

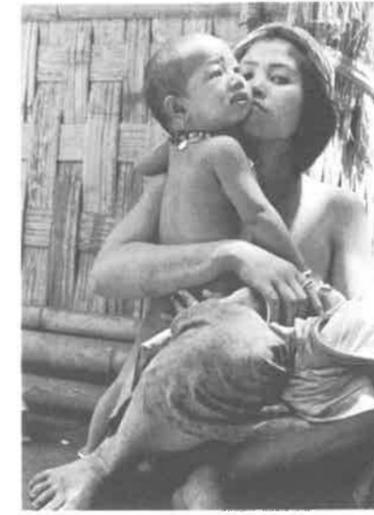
C. As nove fotografias da Prancha 47

A prancha é muito bela em termos estéticos e humanos. Uma seqüência linear de nove fotografias escolhidas dentre um conjunto de treze fotografias sucessivas⁸⁴ e realizadas, em Bajoeng Gede, no dia 19 de agosto de 1937.

Nesse conjunto de fotografias, duas personagens visíveis e em situação de interação: uma mãe e o seu filho de um ano e seis meses de idade. Nesse mesmo conjunto, uma idéia: como, na ilha de Bali, uma criança vivencia e experimenta o paradoxo de ser estimulada afetivamente pela mãe, responder carinhosamente e acabar sendo rejeitada e frustrada pela mesma mãe?



1



2



3



4



5



6



7



8



9

84 Bateson havia elaborado uma sistemática muito precisa de registros fotográficos, a saber: nome(s) do(s) fotografado(s), local, data e hora(s) da(s) tomada(s), além da indicação dos fotogramas na série e no conjunto dos filmes realizados. Deste modo, devem-se ler os dados da Prancha 47 (14 G 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 33 e a última) da seguinte maneira: do lote de filmes G (cada lote de 24 filmes corresponde a uma letra do alfabeto), as fotografias apresentadas na prancha pertencem, todas, ao filme 14, com esta reserva: os fotogramas 24, 25, 26 e 32 do filme não foram incluídos na apresentação final da prancha. Quais foram os motivos da escolha de tais fotogramas e da exclusão dos demais?

Muitas vezes, *olhei* para essa prancha fotográfica, obedecendo aos *termos* de sua leitura: “Estimulação e frustração”. De fato, nunca vi outra coisa senão o que o *texto* me obrigava a *ver*, o que exigia que *visse*. Olhava muito mal ou, melhor dizendo, não sabia olhar. Era, no melhor dos casos, um cego que andava com os olhos abertos. Até que, um belo dia, interessei-me e condensei minha atenção sobre os *olhares* da mãe e do menino, descobrindo o óbvio (vejam os fotogramas 1, 2, 5, 8 e 9, em especial): uma mãe vivenciando com o filho instantes de intimidade e de convívio amoroso, ambos observados pelo motor de uma máquina fotográfica, pelos quase dois metros de altura de um antropólogo (Bateson) que, com o seu tripé, manuseava uma teleobjetiva de 200 mm e, num campo mais próximo ainda, mãe e filho assediados pelas constantes implicações de Margaret Mead, que, ao fazer seus apontamentos, dirigia, também, as operações de registro visual.

Olhando para essa série de fotografias, entendo, hoje, por que a mãe até aceita, por duas vezes, fingir e resmungar internamente diante de tal encenação, ora lançando seus olhos para o céu, num gesto de desespero (Foto 3), ora os abaixando e traçando um motivo, não muito definido, sobre o chão (Foto 6). A criança não procura ser tão complacente e tolerante (fotos 8 e 9). Ela traduz seus sentimentos de maneira mais explícita: “Até quando vocês vão continuar a nos chatear?” (Foto 9). Escrever, dessa maneira, que, “no final da série [de fotografias], ambos parecem aborrecer-se”, não passa de uma redundância verbal causada por uma miopia antropológica, gerada por uma não menos enigmática “idéia” (“Estimulação e frustração”).

A análise (e a confissão) que acabei de fazer da Prancha 47 não deve “frustrar” o leitor, nem servir de munição para desacreditar o papel da imagem na produção do discurso antropológico, menos ainda invalidar o magistral empreendimento que realizaram, quase setenta anos atrás, Mead e Bateson. Pelo contrário – e no caso que nos ocupa –, são precisamente as nove fotografias que, surpreendentemente e sem outro artifício, revelam a fragilidade de toda uma argumentação, trazem à tona a verdadeira cor e a dimensão de nossas possíveis “idéias”. Pois, se é verdade que o *texto* pode produzir todo um trabalho de ideação, a *imagem* também. É bem por essas razões que reservei a este momento de apresentação de *Balinese character* o título que, agora, não tem mais nada de enigmático: “Os riscos do texto e da imagem”.

À GUIA DE CONCLUSÃO: DA PROVA À PROVAÇÃO DO REAL

O ANTROPÓLOGO (E TODO ser humano) procura observar, conhecer e entender o “real”, esse campo vastíssimo da “realidade” humana. Um campo ou, melhor dizendo, um organismo em constante ação e interação, em constante trabalho de parto, de luto e de renascimento. Um gigantesco território vivo, recortado, no tempo e no espaço, por histórias, memórias, imaginários; atravessado por símbolos, sonhos e novos recomeços. Eis o que procuramos definir minimamente, quando falamos de “culturas” humanas. Delas, todavia, podemos entrever apenas o que oferecem à nossa *observação* e à nossa *experimentação*, isto é, *representações* do real. De tal modo que toda tentativa de compreensão dos fatos de cultura nunca será outra coisa senão uma *representação de representações*, isto é, no melhor dos casos, o esforço de uma nova contextualização, de uma nova enunciação e de uma inevitável interpretação desses mesmos fatos. Esforços que procuramos edificar, recorrendo a palavras, sons, gestos, imagens, gritos e, até, a silêncios. Pois não é inútil lembrar que, sem meios de comunicação, sem suportes comunicacionais, não existiriam as sociedades humanas, menos ainda as culturas, que os homens constroem através e com o auxílio desses suportes.

O cientista social sabe, também, que, dessa complexa realidade humana, somente pode recolher “pedaços” e “fragmentos”. A não ser que seja estúpido, tem consciência de que tudo aquilo que tentará *evocar*, *mostrar* ou *descrever* permanecerá sempre um estilhaço, ou algumas migalhas da “realidade”. Freud, desse modo, deverá confirmar o fato de que o antropólogo é, profissionalmente falando, um herói magnífico em permanente situação de luto. Pois, como Sísifo, somente pode assumir perdas. Perdas em suas observações, precipitadas ou incompletas; perdas em suas descrições, gravações ou outros registros, os quais deveriam ter merecido maior atenção, menor ambigüidade e outra clareza; perdas no nível de suas mensagens, que se imaginava poder publicar e espalhar, quando já não passavam de palimpsestos minados e esgotados pelo tempo. O antropólogo é um homem que balbucia entre o desejo e o luto. Ele quer ser taumaturgo, fazedor de milagres. Fica feliz quando consegue manter-se no meio dos funâmbulos, esses artistas que andam ou dançam na corda bamba.

É no horizonte desses amplos contornos epistemológicos, comunicacionais e culturais que podemos situar alguns dos importantes questionamentos que perpassam *Balinese character. A photographic analysis*.

1) A originalidade da obra de Bateson e Mead se deve, primeiro, à novidade e à amplitude do *objeto de estudo*. Nada mais, nada menos do que o exame do *ethos* de uma cultura singular (a cultura balinesa), isto é, a tentativa de entender por meio de que comportamentos sociais adquiridos durante a infância, por meio de que condutas ensinadas e veiculadas através do tecido social, uma criança nascida em Bali incorpora e, por assim dizer, “veste” um inconfundível estilo de ser, de viver e de se comportar.

Não se realçou suficientemente, penso, a dimensão fundadora de *Balinese character* enquanto primeiros passos da concretização de conceitos elaborados, na década de 40, por Edward Sapir (*patterning, custom*), por Ruth Benedict (*cultural patterns*), por Bateson (*ethos e eidos*). Conceitos e idéias que procurei delinear no decorrer desta “Introdução” e que, no âmbito das ciências humanas, vão efetivamente conduzir a desdobramentos importantes em torno da fundação de uma antropologia da comunicação (ver os trabalhos de Erving Goffman,⁸⁵ Edward T. Hall⁸⁶ e, mais recentemente, os de pesquisadores europeus tais como Albert Piette,⁸⁷ Yves Winkin⁸⁸ e Pascal Lardellier⁸⁹).

2) *Balinese character*, no entanto, além de enveredar por novas aproximações das condutas humanas, representa a consagração de uma metodologia absolutamente inovadora⁹⁰ no campo da antropologia, a saber, a da utilização, *conjunta e sistemática*, dos registros verbal e visual, para expressar, representar e dimensionar *formas* relacionais (e comunicacionais) presentes nas culturas humanas. Bateson e Mead escreveram à margem do livro: “A forma de apresentação usada nesta monografia é uma inovação experimental” (1942, p. xi), o que, com muita fineza, comentam Allison e Marek Jablonko, nestes termos:⁹¹

Essa sentença de abertura da introdução nos alerta para o fato de que os autores, criando uma “apresentação” cuja “forma” eles conscientemente desenvolveram, não tinham a intenção de simplesmente refletir a realidade

externa. Eles trabalharam essa forma num esforço para encarar o desafio que enxergavam: “[a necessidade] de traduzir aspectos da cultura nunca registrados com sucesso pelo cientista – embora freqüentemente captados pelo artista –, por alguma forma de comunicação suficientemente clara e inequívoca de modo a satisfazer as exigências da pesquisa científica” (1942: xi).

E acrescentam (p. 43):

Bateson e Mead, de fato, não nos apresentaram uma “realidade objetiva”, mas, antes, ofereceram-nos o que poderia ser chamado de “descrição operacional”. Apoiaram palavras em artefatos físicos, nesse caso fotografias, deslocando assim, radicalmente, toda a comunicação para nova arena. Mesmo sendo impossível tocar num “alicerce/fundamento da realidade” [*bedrock of reality*] perante o qual se possam checar essas representações visuais, somos providos com uma “definição visual” das palavras e frases utilizadas. As imagens podem ser vistas como alguém que diz: “Olha aqui, é disso que eu estou falando!” [...] Bateson e Mead estavam tentando alcançar um grau mais alto de precisão no que diz respeito a uma dimensão da experiência humana que era e permanece não quantificável. Para eles isso não significa que ela tinha de permanecer puramente impressionista. Ao contrário, eles esperavam que o grau de precisão atingido pelo cuidadoso uso de documentos visuais pudesse constituir um molde a partir do qual outros pesquisadores pudessem prosseguir. [...] Eles desenvolveram um formato de apresentação que, esperavam, poderia desencadear processos analíticos similares nos leitores, capacitando-os a estabelecer suas próprias conexões entre o particular e o geral, entre o mais concreto e o mais abstrato, entre a “sensibilidade” artística e o “inequívoco” científico (1942: xi). Diferentemente de um filme, em que as imagens e palavras são coordenadas ao longo de uma linha de tempo, o leitor que desejar correlacionar a narrativa verbal e as imagens visuais deve folhear para trás e para a frente, por entre as páginas. Usando um conceito da atualidade, pode-se qualificar o trabalho deles como “interativo”, embora tenha a forma de um livro, em vez de um programa de computador.

Bateson e Mead sabiam que a imagem não era o equivalente do texto, sabiam que a capacidade despertadora da imagem não podia igualar a função enunciativa da linguagem.⁹² Sabiam, fundamentalmente, que ambas ofereciam algo singular e se complementavam. Atribuíram credibilidade às imagens, procurando através delas traduzir idéias e conceitos relacionados ao *ethos*. Imagens sem as quais teriam precisado não de um livro, e sim de uma coleção de livros para tentar evocar, em longas e cansativas descrições verbais,

92 Ver Gombrich, Ernst. “L’image visuelle”, in *L’écologie des images*, Paris, Flammarion, 1983, pp. 323-349. Orig. inglês: *Scientific American*, vol. 227, n° 3, 1972.

85 Foram traduzidos para a língua portuguesa ou castelhana: Goffman, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*, Petrópolis, Vozes, 1975 [orig. inglês: 1959]; *Manicômios, prisões e conventos*, São Paulo, Perspectiva, 1974 [orig. inglês: 1961]; *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Rio de Janeiro, Zahar, 1975 [orig. inglês: 1964]; *Ritual de la interacción*, Buenos Aires, Tempo Contemporâneo, 1970 [orig. inglês: 1967]; *Relaciones en público. Microestudios del orden público*, Madri, Alianza, 1974 [orig. inglês: 1971]. Devemos acrescentar: *Frame analysis. An essay of the organization of experience*, New York, Harper and Row, 1974.

86 Hall, Edward T. *A linguagem silenciosa*, Lisboa, Relógio d’Água, 1994 [orig. inglês: 1959]; *A dimensão oculta*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977 [orig. inglês: 1966].

87 Piette, Albert. *Le mode mineur de la réalité. Paradoxes et photographies en anthropologie*, Louvain-La-Neuve, Peeters, 1992.

88 Winkin, Yves. *A nova comunicação. Da teoria ao trabalho de campo*, Campinas, Papirus Editora, 1998.

89 Lardellier, Pascal. *Théorie du lien rituel. Anthropologie et communication*, Paris, L’Harmattan, 2002.

90 Refiro-me à dimensão *metodológica e sistemática* do empreendimento de Bateson e Mead, não querendo dizer que *Balinese character* representaria o início da utilização da visualidade e de suas próteses técnicas no âmbito das ciências humanas. Não devemos esquecer que a *observação* está no princípio da disciplina e que a utilização dos suportes visuais (a fotografia e, logo, o cinema) pela antropologia remonta à época da descoberta dessas novas invenções. Para não me alongar, ver o já clássico *Anthropology & photography 1860-1920* (org. Edwards, Elizabeth), New Haven-London, Yale University Press, 1992.

91 Jablonko, Allison e Marek. “As we understand it”, in *Yearbook of Visual Anthropology 1942-1992: fifty years after “Balinese character”* (Ed. Paolo Chiozzi), vol. 1, 1993, pp. 39-78, aqui pp. 40 e 53.

condutas e comportamentos culturalmente estereotipados e, antes de mais nada, de natureza visual. Com as cem pranchas fotográficas, os autores, decerto, não fizeram economia em termos editoriais, mas fizeram uma outra, muito mais eloqüente, dando-nos a ver o que teríamos, com muito tédio, procurado imaginar. Isso posto, não podemos minimizar o papel – ainda muito preponderante – da escrita na elaboração e na constituição de *Balinese character*. O texto (isto é, a fundamentação das “idéias”, dos “conceitos”, das “categorizações”) aparece e permanece no primeiro plano. Precede sempre a imagem, nunca decorre dela. O texto conduz a imagem, a dirige. O texto induz a ver a imagem e, nela, a reencontrar o conceito antes formulado. A imagem é uma empregada inteligente e necessária: ela “serve” a “traduzir”, a “fazer entender”, a “justificar” aquilo que as palavras não consigam mostrar com tanta eficácia. Ao apontar para essa prioridade heurística da escrita, não podemos, no entanto, nos esquecer do tempo e da época em que o livro foi produzido (1942), isto é, muito antes que Mead pronunciasse, no IX Congresso Internacional das Ciências Antropológicas e Etnológicas (ICAES, Chicago, EUA, 1973), o seu famoso texto “*Visual anthropology in a discipline of words*”⁹³ e mais de meio século antes que, por ocasião de uma outra reunião da mesma ICAES (Williamsburg, EUA, 1998), uma das comissões se propusesse a refletir a questão de uma “*Visual anthropology in a world of images*”, chamando a atenção dos antropólogos para uma reflexão mais consciente do papel que as modernas e potentes máquinas de imagens⁹⁴ vinham desempenhando na constituição e organização das culturas contemporâneas.

3) Penso, finalmente, que *Balinese character* nos leva a um questionamento, hoje, num horizonte que, de longe, ultrapassa a questão (já velha) do *uso da imagem* no campo da antropologia. O livro se tornará – para quem ousar levá-lo a sério – um fabuloso laboratório de instrumentalização dos antropólogos para o que se poderia chamar de *trabalho das imagens* (no caso) fixas. Para ser minimamente provocativo, acrescentaria que as imagens não apenas *trabalham*: elas são ainda “formas que pensam”.⁹⁵

Não conheço muitos antropólogos que tenham questionado o que, antropológica e epistemologicamente falando, uma imagem ou um conjunto de imagens, fixas ou em movimento, tinha que lhes *dizer* e lhes *oferecer*. Não o que ela (a imagem), melhor do que um

texto, poderia traduzir, e sim o que ela lhes permitiria “construir” com ou sem a presença de um texto. Eis que voltamos à proposição que formulei há pouco: “A imagem é uma forma que pensa”. Ela é uma “estrutura”, um “fenômeno” (aparição) que pensa, na medida em que – como foi dito anteriormente – é, fundamentalmente, uma *representação* de representações. Ou seja, por que as imagens ficariam desprovidas de pensamento quando atribuímos pensamento às palavras e nossas escritas? Palavras, escritas, imagens são “formas” inteligentes, singulares e complementares, de que dispomos para *representar* as representações da “realidade”. Todas as nossas representações não passam de simbolizações necessárias de segundo grau. Assim, a imagem é uma simbolização de segundo grau e, acrescenta Jacques Aumont, “a imagem tem, dessa maneira a capacidade de transmitir e, talvez, de fabricar reflexão no que diz respeito ao mundo”. É evidentemente bastante estranho afirmar que um objeto/suporte (uma imagem, uma fala, uma palavra) possa pensar e não apenas nos fazer pensar. É alarmante⁹⁶ supor que as imagens “possam pensar”. Acredito, todavia, que é nesse genuíno e preciso espaço epistemológico que a antropologia visual e a antropologia *tout court* chegarão a algo inovador em termos da enunciação do mundo, das sociedades e das culturas. É precisamente aí que *Balinese character* representa um laboratório privilegiado de instrumentalização dos antropólogos para o *trabalho das imagens* (mas, também, dos textos e de outras mediações/próteses comunicacionais). Em que sentido?

Balinese character nos proporciona dezenas de viagens visuais (e verbais) *dentro* das pranchas fotográficas. Conhecemos minimamente algumas delas: a prancha de Mário e seu aluno (Prancha 16), a prancha de “Elevação e respeito I” (Prancha 10), a de “Estimulação e frustração” (Prancha 47). Digo “minimamente” na medida em que, tanto para Bateson como para Mead, a prancha “Elevação e respeito I”, por exemplo, deveria ser mais bem entendida graças às articulações que mantém com as pranchas II, III, IV e V, todas dedicadas à mesma temática. Mais ainda: para que essa temática fosse mais bem situada e avaliada, deveria, com as demais pranchas sobre o mesmo assunto, nos levar a descobrir o que todas as imagens dessas pranchas têm em comum com as demais imagens, por exemplo, as da Prancha 99 (“Farewell to the dead”) ou as da Prancha 100 (“The continuity of life”). Disso, Allison e Marek Jablonko já nos tinham avisado.

⁹⁶No sentido da expressão italiana *all'arme* (alarma): “Grito para pegar as armas”. Numa tradução antropológica, livre e de minha responsabilidade: “procurar não ficar confinado numa ilha (a ilha da escrita) por falta de verdadeira imprudência... e de visão”.

Mead, Margaret. “Visual anthropology a discipline of words”, in *Principles of visual anthropology* (Ed. Paul Hockings), in Haag, 1975, pp. 3-10.

Ver o riquíssimo artigo de Dubois, Philippe. “A linha geral (as máquinas de imagens)”, in *Cadernos de Antropologia e Imagem*, n.º 9 (“Todas as Imagens”), Rio de Janeiro, UERJ – NAI, 1999, pp. 65-85.

Aumont, Jacques. *À quoi pensent les images*, Paris, Séguier, 1996, em especial capítulo intitulado “Figurable, figuratif, figural” (pp. 148-173).

Balinese character nos convoca, também, a descobrir como, ao lado de uma *ideação* conduzida por palavras, podem existir uma *ideação* e uma *orquestração* dirigidas, dessa vez, por imagens. Por *ideação*, entendemos que as imagens (e sua organização) exercem, por conta própria, um poder de ordenação epistemológica que atua sobre o espectador. Vimos, por exemplo, como, através de uma seqüência quase cinematográfica, a prancha de Mário e seu aluno (Prancha 16) nos transportava em direção à idéia de “Visual and kinaesthetic learning II”, sem, todavia, que tivéssemos de renunciar a um conjunto de outras idéias que veiculavam as mesmas imagens: o “canto e a leveza da dança”, a “postura das mãos na dança e na vida cotidiana” (ver as pranchas 21 e 22).

Será que Didi-Huberman tem razão quando escreve: “Se existe um pensamento próprio às imagens, é, decerto, o pensamento associativo, *isto é*, o pensamento que se estrutura ao se deslocar”?⁹⁷ Penso que sim.

Nesse patamar heurístico, devemos, assim, reconhecer que as fotografias, por serem polissêmicas e volúveis e, ao mesmo tempo, incapazes de “enunciar” claramente o que sugerem, são, forçosamente e *até o presente*, condenadas a seguir os traçados de uma lógica que somente a escrita pensa poder definir e, sobretudo, *conduzir*. A questão permanece, assim, aberta, e o *futuro comunicacional* que estamos vivenciando prepara, com certeza, desdobramentos que permitirão, pelo menos, tanto acalmar as angústias de uns quanto relativizar as pretensas seguranças de outros. Finalmente, poderemos descobrir esta providencial certeza: todos nós, neste século que ainda procura se firmar, estávamos apenas de passagem.



⁹⁷ Didi-Huberman, Georges. *Fra Angelico. Dissemblance et figuration*, Paris, Flammarion (Col. “Champs”), 1995, pp. 39-40. Do mesmo autor, ver *Devant l'image. Question posée aux fins d'une histoire de l'art*, Paris, Éditions de Minuit, 1990; *Ce que nous voyons, ce qui nous regarde*, Paris, Éditions du Seuil, 1998.